

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

1490(c)

ROSYANE OLIVEIRA

Carnaval: Da Festa Popular à regulamentação – Uberlândia 1983 a 1997

Monografia apresentada como exigência para conclusão do curso de Bacharelado em História, à Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação da Profª Jane de Fátima Silva Rodrigues.

Uberlândia/1999

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.º
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

LABORATÓRIO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA	1490
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA	
N.º	
Data	

S.9
(c)

2 xts.

ROSYANE OLIVEIRA

***Carnaval: Da Festa Popular à
regulamentação – Uberlândia
1983 a 1997***

Monografia apresentada como
exigência para conclusão do
curso de Bacharelado em
História, à Universidade Federal
de Uberlândia, sob a orientação
da Prof^a. Jane de Fátima Silva
Rodrigues.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA - CDHS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.º
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

Uberlândia/1999

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a Jane de Fátima Silva Rodrigues

Prof. Dr.^a Maria Clara Thomaz Machado

Prof. Dr.^a Rosana Areal

*É sempre quente
É fevereiro
É a lua lá no céu
Parece até pandeiro
Os blocos que tocam
Nas ruas são demais
Dizem que a tristeza
desta
ou nem se lembra*

**Aos meus
pais
dedico este trabalho**

**“Ao falar do Carnaval em
Uberlândia, não poderíamos
deixar de lembrar de
Capela, pessoa que sempre
lutou pela preservação da
festa.”**

(in memória)

Agradecimentos

Quero agradecer o desenvolvimento deste trabalho, assim como
amigos que se envolveram e me apoiaram

Agradeço à Maria Andréa e à Patrícia sempre com quem
sempre pude contar nos momentos difíceis

Agradeço em especial ao Pensavado pelo apoio e diálogo
constantes durante toda a pesquisa

Mais ainda, agradeço muito mesmo à Professora Dr.^a Jane de
Fátima Silva Rodrigues, pela sua orientação paciente, que prouza pela
liberdade do orientando em
fornecendo assim o diálogo com
nossas posições e nessa construção
agradecer também ao seu envolvimento
deste trabalho.

Digo meus últimos agradecimentos ao Arquivo
Público Municipal de Libertândia, em especial ao Luis
funcionários da Secretaria Municipal
principalmente ao Tim e a Maria José

“É tempo quente
É fevereiro
E a lua lá no céu
Parece até pandeiro
Os blocos que beleza!
Nas ruas são demais
Parece que a tristeza
Em riso se desfaz
Eu vou nessa alegria
Também sou folião
E vai chover confete
No meu coração.”

Adelino Moreira

“No Brasil existem apenas duas
coisas organizadas: a desordem e o
Carnaval.”

Barão do Rio Branco

Agradecimentos

Durante o desenvolvimento deste trabalho, foram vários os amigos(as) que se envolveram e me apoiaram.

Agradeço à Maria Andréa e a Patrícia, amigas com quem sempre pude contar nos momentos difíceis.

Agradeço em especial ao Florisvaldo pelo apoio e diálogo constantes durante toda a pesquisa.

Mais ainda, agradeço muitíssimo à Professora Dr^a. Jane de Fátima Silva Rodrigues, pela sua orientação paciente, que preza pela liberdade do orientando em buscar seus próprios caminhos, fornecendo assim o diálogo construtivo que nos possibilita formar nossas posições e nossa construção histórica. Não poderia deixar de agradecer também ao seu envolvimento e dedicação na correção final deste trabalho.

Dirijo meus últimos agradecimentos aos funcionários do Arquivo Público Municipal de Uberlândia, em especial ao Luís Antônio e aos funcionários da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia, principalmente ao Tim e a Maria José.

Índice

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I	
NA CADÊNCIA DO SAMBA	16
CAPÍTULO II	
CONFETES E SERPENTINAS: A ALEGRIA NA RUA	23
CAPÍTULO III	
CONFLITOS E TENSÕES EM DIAS DE MOMO	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
... NÃO ME LEVE A MAL HOJE É CARNAVAL	52
ANEXOS	55
FONTES	83
BIBLIOGRAFIA	87

INTRODUÇÃO

A escolha do tema desta monografia está ligada em primeiro lugar, às minhas próprias experiências enquanto negra, e o interesse em buscar compreender as relações vivenciadas por homens e mulheres negros no carnaval uberlandense.

Optei por analisar esta temática, por ser o carnaval considerado um momento de “democracia racial”, onde se ignoram as diferenças sociais e, principalmente, por ser uma festa, em que a negritude da cor se destaca e é aparentemente valorizada. Entretanto, resta questionar em que sentido. Além disso, o Carnaval é uma manifestação cultural de grande destaque em todo Brasil.

Em segundo, pela revisão curricular ocorrida no curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, instituindo o Bacharelado e acarretando assim, a obrigatoriedade da apresentação da monografia¹ ao final do mesmo.

Este estudo se mostra como inédito, já que não existe nenhuma produção local sobre o assunto, até o presente momento, ratificando assim, a importância do mesmo como uma contribuição à Historiografia Local e Regional. Destacamos ainda que, outras monografias do curso de História estão dando ênfase aos estudos locais o que em muito concorrem para um maior conhecimento da História de Uberlândia.

Reconhecendo a importância da História Local enquanto uma forma de explorar a diversidade dos acontecimentos e experiências locais, que permite

¹ Desenvolvemos esta pesquisa durante o período de dois anos.

novas indagações e novas questões para a análise do social é que concordamos com Rodrigues:

“(...) a temática desenvolvida por estes trabalhos ultrapassam o político-econômico para alocar-se em temas até então relegados, ou sequer tidos como históricos. Estudos sobre a História da Família, da Criança, da Mulher, das Atitudes e Sentimentos, passaram a incorporar-se às monografias de História Regional e Local, focalizando diferentes regiões e períodos e apontando para a heterogeneidade de crenças, valores e mentalidades presentes em lugares e épocas distintas.”²

É importante salientar que nossos pressupostos teórico-metodológicos se baseiam na História Social, mais especificamente nos da História da Cultura, os quais nos permitem novas temáticas e novas abordagens, buscando observar, agentes históricos anônimos que não tiveram sua história contemplada:

“... a História Social tem como perspectiva criticar a História construída de cima para baixo, dando ênfase a outros sujeitos que não os ‘heróis’, procurando desvendar a realidade dos processos sociais. Entretanto, tem a preocupação de explicar a dominação de uns personagens sobre outros, no campo das relações econômicas, sociais, culturais e, sobretudo nas tradições, nas idéias e na política.”³

Além disso, este referencial teórico nos dá liberdade para trabalhar com fontes históricas não tradicionais, como entrevistas, jornais, revistas, periódicos, etc.

Dentro desse contexto, pensamos a História Cultural como parte da História Social e uma maneira de compreendermos uma dada realidade social. Neste sentido, nos ensina Machado:

² RODRIGUES, Jane de F. Silva, *História Regional y Local: problemas teóricos y prácticos*. Trabalho apresentado no III Taller Internacional de Historia Regional y Local, La Habana-Cuba, 1998, p.2-3 (mimeo).

³ OLIVERIA, Eduardo P. *Rompendo as barreiras do poder na Câmara Municipal de Uberlândia (1983-1992)*. Uberlândia: DEHIS/UFU, 1998, p. 09. (Monografia, bacharelado).

“...que a cultura não é resultado de qualquer causa e muito menos enfeite que uma sociedade produz para deixá-la mais bela, colorida ou alegre; devemos tratar a cultura popular como uma das formas possíveis de representação que pessoas ou classes sociais utilizam para expressarem suas experiências e vivências(...). Antes de tudo, cultura é expressão de vida, portanto, é vida e não apenas simbologia de um tempo.”⁴

Sendo assim, entendemos a cultura como um processo dinâmico que deve ser pensado em seu contexto histórico, considerando suas persistências ou transformações, frente a realidade estudada e, é nesta perspectiva que se propõe esta monografia.

Recortamos o período de 1983 a 1997, por ter ocorrido a regulamentação do Carnaval em Uberlândia, com a criação da Secretaria Municipal de Cultura, que passa, então, a administrar e coordenar as manifestações culturais locais.⁵ Registra-se, também a fundação da Liga das Escolas de Samba de Uberlândia - LESU (1981), que juntamente com o poder público colabora na organização do Carnaval na cidade.⁶

O desenvolvimento desta pesquisa se deu a partir do levantamento e análise de fontes escritas - jornais de época⁷ e documentos que a Secretaria Municipal de Cultura tem em seu poder.⁸ As escolas de samba visitadas –

⁴ MACHADO, M^a. C.T. “Cultura Popular, no interior das Gerais”. In: *Anais do XIX Simpósio Nacional de História da ANPUH.*, Belo Horizonte: julho, 1997. p.03.

⁵ Em 05 de novembro de 1983, o Prefeito Zaire Rezende assinou o decreto nº 2506, designado a Comissão Municipal de Promoções e definindo suas atribuições.

⁶ Em 1992, a ASSOSAMBA substituiu a LESU e em 1997 recebe toda a subvenção da festa carnavalesca.

⁷ Jornais: O Progresso (1907-1914), A Tribuna (1919-1942), O Repórter (1935-1951), Correio de Uberlândia (1952-1997).

⁸ Trata-se principalmente de termos de compromisso, decretos diversos, históricos das escolas de samba, projetos feitos para o evento, regulamentos entre outros.

Garotos do Samba, Tabajaras e Unidos do Chatão,⁹ não possuem documentação escrita sobre suas trajetórias.

Segundo o Sr. Edvaldo:

"Em Uberlândia é o seguinte, eu tenho em casa uns 20 troféus... agora eu digo porquê. Porque lá em casa eles estão preservados... Aqui no Bolo era minha maior briga. Eles ganhavam hoje, aí quando você ia lá dois meses depois, os moleques tavam brincando como os troféus lá no chão. Então, todo mundo que ganhava ficava com o seu, e a escola de samba só com o troféu da colocação, primeiro, segundo ou terceiro lugar..."¹⁰

Percebemos uma preocupação do poder público em resgatar a história das escolas de samba da cidade, como demonstra o folheto transcrito abaixo.

**"PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
CARNAVAL 86**

O Carnaval de Uberlândia, a cada ano, vai se tornando mais representativo, fazendo valer todos esforços empregados, tanto dos órgãos públicos, quanto da comunidade carnavalesca.

Desde 1984, num trabalho conjunto de toda a Prefeitura Municipal de Uberlândia e LESU - Liga das Escolas de Samba de Uberlândia - foi montada uma comissão para cuidar da organização do carnaval, que pretendemos mais popular e participativo. E isso vem trazer mudanças significativas, no que diz respeito à prática do carnaval. Estabelecemos assim, um canal de comunicação mais amplo, o que, sem dúvida, trará crescimento para todos nós.

Hoje assistimos a uma festa cuidadosamente planejada - uma infra-estrutura que vai desde a escolha do local do desfile até a decoração da avenida. Além disto, a Secretaria Municipal da Cultura, no ano de 1985, através do Projeto "Pesquisa e Apoio às Escolas de Samba de Uberlândia", pôde registrar um pouco da história de cada uma delas, que fazem do nosso carnaval uma alegria para a comunidade uberlandense.

Administração Zaire Rezende."

⁹ As escolas de samba Tabajaras e Garotos do Samba foram escolhidas por serem as mais antigas atualmente; a Unidos do Chatão foi escolhida por ser a única escola de samba com sede própria.

Localizamos outros folhetos que divulgam exposições, e apresentações de vídeos sobre a manifestação carnavalesca num esforço da Secretaria Municipal de Cultura no sentido de divulgar mais sobre essa festa popular.

Além disso, encontramos em meio a essa documentação, uma compilação da História do Carnaval de Uberlândia, escrita por Antônio Pereira da Silva.¹¹ O autor, pontua a trajetória da festa carnavalesca na cidade a pedido da Secretaria Municipal de Uberlândia, numa tentativa de registrar a sua memória.

Ao lado das fontes primárias e secundárias, fizemos uma leitura da produção historiográfica sobre o tema.¹²

A pesquisa ainda utilizou-se de entrevistas orais, que se justificam, por crermos na necessidade de considerar a pluralidade e a diversidade de versões e experiências vivenciadas pelos sujeitos históricos não contemplados nas fontes escritas. É, segundo THOMPSON,¹³ uma oportunidade para dar voz às personagens excluídas da História. Os depoimentos orais nos remetem a novas questões antes inimaginadas. De acordo com SAMUEL:

*“a evidência oral é importante não apenas como fonte de informações, mas pelo que faz para o pesquisador... pois pode ajudar a expor os silêncios e as deficiências da documentação escrita e revelar ao historiador, o tecido ressecado que, quase sempre é tudo o que tem nas mãos”.*¹⁴

Consideramos fundamental distinguir a nossa concepção de documento daquela proveniente do cientificismo positivista. Segundo esta abordagem, o documento fala por si, constitui prova neutra, e fonte única da História.

¹⁰ Entrevista com Edvaldo Batista Oliveira, apelido de “Tista”, que já foi o Carnavalesco da Garotos do Samba e Unidos do Chatão durante muitos anos, 15/05/1997.

¹¹ SILVA, Antônio Pereira. *História do Carnaval em Uberlândia*, Secretaria Municipal de Cultura, s/d. (mimeo).

¹² Que está presente no corpo deste trabalho e na bibliografia geral.

¹³ THOMPSON, P. *A Voz do Passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p.92.

Compartilhamos das novas concepções historiográficas que alargaram a noção de documento, considerando seu caráter de construção, sua historicidade e, portanto, sua parcialidade. O documento não fala por si, não é mero depositário do real, mas uma das evidências, um dos registros da experiência humana. (THOMPSON, 1984; VESENTINI, 1982).

Observamos nos jornais de época as transformações ocorridas na festa carnavalesca desde que se iniciou na cidade de Uberabinha nos primórdios do século, quando então, esta não contava nem com energia elétrica ou ruas calçadas. Uma passeata carnavalesca organizada por jovens da elite uberabinhense, que percorria as ruas, a fazer críticas bem humoradas sobre os acontecimentos locais, marca a sua introdução na pacata cidadezinha em 1907.¹⁵

A primeira notícia que se tem da participação de negros(as) no Carnaval data de 1928, *"quando o clube dos negros - Flor de Maio, promove bailes carnavalescos."*¹⁶ E o toque de audácia: *"na terça-feira gorda, os negros tomam um automóvel, um só, e entram no curso até então privilégio de brancos."*¹⁷

No decorrer desta monografia apresentaremos estas e outras informações registradas nos jornais pretendendo assim obter uma visão geral relativa ao nosso objeto.

Quanto à bibliografia analisada, é conveniente esclarecer que, a mesma prioriza o eixo Rio de Janeiro-São Paulo, pouco se sabendo de trabalhos que informem sobre o Carnaval em outras áreas do país. Além disso, as pesquisas realizadas sobre o tema, são em sua grande maioria, feita por sociólogos(as).

¹⁴ SAMUEL, R. *História Local e História Oral*. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo: Marco Zero/ANPUH,, nº19, set./89 - fev./90, v.9, p.237.

¹⁵ *Jornal O Progresso* - 28/02/1097, Ano I, nº 48.

¹⁶ *Jornal A Tribuna* - 26/02/1928, Ano X, nº 412.

¹⁷ Idem.

Esta bibliografia analisa, a origem do Carnaval no Brasil, mais precisamente, o caso, do Rio de Janeiro e como se transformou nesta festa que hoje se apresenta regulamentada, fonte de grande movimentação de capital e enriquecimento para alguns e de exportação para outros países.

Compartilhamos da mesma interrogação posta por MATTA:

“o Carnaval seria o momento em que nós, brasileiros, deixamos de lado nossa sociedade hierarquizada e repressiva, e ensaiamos viver com mais liberdade e individualidade?”¹⁸

Ao recuperar a trajetória do Carnaval uberlandense, percebemos que a Prefeitura Municipal de Uberlândia aparece como referência principal na sua realização e manutenção. Até mesmo, a fundação da LESU - Liga das Escolas de Samba de Uberlândia na década de 80, se deu a partir da iniciativa do poder público. Toda a festa carnavalesca passa a ser organizada e regulamentada pela administração pública, cabendo às Escolas de Samba, na figura de seu representante maior - o presidente, receber a verba a ela destinada e colocar seu desfile na rua.

Nos interessa explicitar melhor essa relação entre o poder público e as agremiações carnavalescas, mesmo porque no ano de 1997, o Carnaval esteve seriamente ameaçado de não ocorrer pois, a Prefeitura alegou não ter verbas a destinar às Escolas de Samba. Estas, por sua vez, argumentaram que sendo assim não haveria desfile. Apesar do impasse ter sido resolvido, já que a Prefeitura voltara atrás em sua decisão, esta polêmica nos incitou a questionar até que ponto o Carnaval é uma manifestação popular, pois ao que parece, sem o “incentivo” financeiro da administração pública, a mesma talvez não ocorresse naquele ano.

Em 1997, a Assossamba foi a responsável pelo recebimento e distribuição da verba destinada ao Carnaval, cabendo a ela, inclusive, a organização espacial do mesmo e o acerto de contas com as Escolas de Samba.

Foram várias as dificuldades enfrentadas para conseguirmos “dar cabo” dessa pesquisa. A obrigatoriedade deste trabalho, como exigência para a obtenção do título de Bacharel em História em nossa Universidade, não considera o aluno que trabalha o dia todo, que estuda à noite e sem o tempo necessário para pesquisar. Além disso, o Arquivo Público Municipal, funciona somente de 2^a a 6^a feira em horário comercial. Na secretaria Municipal de Cultura, onde se localiza parte de nossa documentação o horário de funcionamento é das 12:00 às 18:00; dificultando e limitando ainda mais a pesquisa. Por outro lado, contactar e conseguir marcar entrevistas com as pessoas que nos interessavam não foi tarefa fácil. Várias foram as vezes que apesar de termos combinado dia e hora, o(a) entrevistado(a) não nos atendeu. Mestre Lotinho, pessoa importante no carnaval uberlandense se recusou a nos conceder uma entrevista.¹⁹

Felizmente, apesar de todos esses e outros contratemplos, cremos que esse processo de paciência e aprendizagem, que resultou nesta monografia, em muito contribuiu para nossa formação profissional e pessoal, e, com certeza para o conhecimento de uma parte da História de Uberlândia.

¹⁸ MATTA, Roberto da. *Camavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990, p.34.

¹⁹ Mestre Lotinho foi o fundador da primeira Escola de Samba de Uberlândia - Tabajaras (1953). Hoje não frequenta mais o meio camavalesco e se recusa a falar sobre o assunto, alegando motivos religiosos.

NA CADÊNCIA DO SAMBA

CAPÍTULO I

O Carnaval no Brasil tem sua origem freqüentemente atribuída ao início da colonização portuguesa que trouxe em seu enredo dominador, a tradição de celebrar o período que precede à quaresma.

O Entrudo era uma espécie de jogo e brincadeira onde se utilizava água perfumada, limões, laranjas, bisnagas ou seringas, farinhas, pós coloridos, etc., que as pessoas jogavam entre si. Essas e outras brincadeiras faziam parte dos “dias de folia”. José C. SEBE destaca:

“sobre a violência do entrudo; quase todas as referências encontradas deixam entrever o perigo, a agressividade, a vingança. Pelas descrições, sabe-se que o entrudo era ‘uma verdadeira batalha’ e a munição era pós brancos e coloridos; folhas e objetos como ovos, frutas, mas sobretudo jatos de água despejados das janelas ou lançados por seringas enormes, e é certo que havia um prazer incontido em molhar as pessoas.”²⁰

Era uma prática de rua, a céu aberto e as camadas populares podiam participar e, de muitas formas, aproveitar aqueles três dias para ignorar ou até mesmo inverter algumas regras do cotidiano.

Olga R. de Moraes von Simon²¹ periodizou o carnaval em três etapas, a saber: 1ª) da época colonial até 1850, “carnaval de estilo lusitano”; 2ª) de 1850 a 1920, “carnaval veneziano ou burguês” e 3ª) dos anos 20 até os nossos dias, como “período de afirmação do carnaval popular”.

É conveniente observar novamente que, a explicação da origem da festa carnavalesca no Brasil se apoia quase sempre na versão “nacional-carioca”.²²

José C. SEBE afirma que:

²⁰ SEBE, José C. *Camaval, Camavais*. São Paulo: Ática, 1986, p. 58.

²¹ VON SIMON, Olga R. M. “Transformações Culturais, criatividade popular e comunicação de massa: o Camaval brasileiro ao longo do tempo.” In: *Cadernos CERU*. São Paulo: USP, 1981, nº 14, p.53.

²² Em Uberlândia, o Carnaval recebe clara influência do carioca; além disso em nossa pesquisa sobre o Carnaval no Brasil não encontramos bibliografia que nos relatasse algo sobre essa manifestação em outras partes do país.

“pensando no carnaval brasileiro pode-se tranquilamente considerar que se trata de uma rede infindável de manifestações regionais que, através dos tempos, tem recebido um tratamento nivelador, tentando determiná-los como se fossem uma única manifestação. Aspectos ideológicos, de nuances, nacionalistas, tratam de aproximar as variações, diminuindo as diferenças, principalmente pelos efeitos da indústria cultural.”²³

No contexto do abolicionismo e da propaganda republicana, o Entrudo se tornou uma representação do que seria considerado “arcaico”, e ia contra toda uma estratégia relacionada ao desejo de reformar a nação e constituir o “povo” à imagem e semelhança da elite, principalmente da intelectualidade afrancesada da *Belle Époque*, que vivia no Rio de Janeiro.

Assim, o chamado Carnaval veneziano ou burguês é introduzido no Brasil por essa elite, copiando os costumes europeus. Eram os bailes de máscaras que vieram acompanhados do hábito dos desfiles das famílias mais abastadas, em fantasias luxuosas, pelas ruas da cidade.

Esse Carnaval buscava implementar na sociedade brasileira, novos modelos de civilidade. Enquanto o Entrudo seria brutal e uma abominável demonstração de um povo primitivo e bárbaro, o Carnaval veneziano seria limpo e organizado. As camadas populares se mantinham perfeitamente ordenadas enquanto a elite local desfilaria luxuosamente proporcionando ao povo um carnaval civilizado.

QUEIROZ, comenta que:

“somente as camadas sócio-econômicas afortunadas possuíam recursos para fazer face às despesas que a participação ativa na festa exigia: a carrugem para o curso; o preço elevado dos bailes; luxuosas fantasias(...) Grupos barulhentos de jovens continuavam saindo às ruas em bairros e cercanias da cidade, fantasiados e cantando, suas vestes denunciando a modéstia de sua origem.

²³ Idem, p.33.

Somente bandos dos bairros pobres continuavam saindo às ruas; os filhos de famílias ricas estavam com estas em seus desfiles. Malvistas pela polícia, travando de tempos em tempos verdadeiros combates, os bandos não raro terminavam seu divertimento na cadeia...²⁴

Essas observações nos permitem perceber os embates que se desenrolam neste período que antecede a Proclamação da República, e as tentativas de se construir e impor ao país, uma nova representação do Carnaval que o elevasse à condição de “nação civilizada”.

Evidentemente, as camadas populares não se sujeitaram a serem meras espectadoras das festas carnavalescas. O povo pobre adaptava a prática dos poderosos a seu modo e, sem condições de ostentar qualquer luxo, organizava suas agremiações (re) criando novas maneiras de se “brincar” o Carnaval. Apesar de ser uma festa que segregava, surgiram nos bairros periféricos do Rio de Janeiro, grupos de negros e mestiços que se reuniam para cantar e dançar nos quintais e vielas durante o Carnaval. Estas e outras manifestações deram origem aos chamados Cordões, Zé-Pereiras, Ranchos e finalmente, às Escolas de Samba.

De acordo com SEBE,

“a ‘tutela’ policial sempre esteve muito colada à organização do carnaval moderno, não apenas no Rio de Janeiro mas no Brasil todo. Na antiga capital, principalmente depois da proibição do entrudo, passou a existir um zelo maior em favor do bom funcionamento da festa. Em certa medida, pode-se dizer que a polícia, representando o aparelho do Estado, foi a grande criadora do carnaval carioca. Coube sempre aos policiais ‘cuidar da alegria e da segurança carnavalesca’. Nesse sentido, a divisão de áreas (onde deveria ocorrer o ‘grande’ e o ‘pequeno’ carnaval) era tarefa da polícia.”²⁵

²⁴ QUEIROZ, Maria I. P. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992, p.37.

²⁵ Op. cit., p.62.

As escolas de samba seriam a derivação das antigas procissões religiosas que legaram o cunho básico: conjugar num cortejo irmandades, santos em altares móveis, bandas e toda uma rica representação cênica. No ano de 1930 já existiam 5(cinco) escolas de samba a desfilar no Rio de Janeiro. Em 1935, todas foram obrigadas a se registrar oficialmente e a padronização começa a se instalar na estrutura da Escola, uma vez que, passava a exigir uma ordem na composição do desfile das mesmas.

Segundo SEBE, os anos 50 deste século, marcam o enriquecimento das escolas de samba a partir das “contribuições” de bicheiros e políticos; ele comenta que:

“ainda que o golpe promovido pelos bicheiros e políticos viesse a modificar a aparência das escolas, sua estrutura básica se manteve como um pólo de resistência das ‘tradições carnavalescas cariocas’. Ainda que não faltem os que negam a capacidade de defesa das escolas de samba, outros(as) autores(as) mostram que houve sim um esforço dirigido no sentido de ‘embranquecimento’ da celebração nos desvirtuamentos do sentido do visual e uma interferência ideológica que justificam a ‘oficialização’ da festa. Mas, seria ingênuo não conferir ao povo uma habilidade em aceitar estas ‘modernizações’ e até de se aproveitar delas para garantir um prestígio às suas organizações.”²⁶

É importante observar que no interior das Escolas de Samba se reproduzem várias práticas institucionais presentes na sociedade. Existe toda uma hierarquia a ser respeitada, a diretoria é eleita pelos componentes (que são as pessoas que pagam as cotizações para manter a escola) e o poder é centralizado e, geralmente branco. O presidente normalmente, faz parte da Associação das Escolas de Samba e quando se trata de discutir as relações com o governo ou a organização dos folguedos carnavalescos, as reuniões são rigorosamente fechadas ao público, inclusive aos componentes da escola. Cada

ala tem também a sua diretoria com reuniões periódicas e estatutos e, sua relação com a diretoria central é determinada por copiosa remessa de ofícios, circulares, relatórios, cartas, etc., revelando a existência de um forte esquema burocrático.

Em Uberlândia, observamos a existência dessa hierarquia. As negociações diversas são travadas entre a administração pública e os presidentes das agremiações, que determinam como será utilizada a verba recebida e todos os aspectos concernentes ao desfile.

Nos chama a atenção também, a disciplina imposta à massa dançante no decorrer de suas evoluções no desfile. O tempo do percurso é rigorosamente cronometrado, os movimentos da multidão cintilante são organizados e vigiados, pois a menor falha pode redundar em perda de tempo, portanto, de pontos para a escola.

Enfim, percebe-se que as escolas de samba seguem em sua organização, o modelo jurídico e político em vigor no país e sua estrutura é regida por leis específicas. Além disso, existe em seu interior uma divisão social do trabalho que reflete muito o modelo de sociedade na qual vivemos - aos negros cabe a parte técnica e o samba, aos brancos a gerência e o controle.

De acordo com QUEIROZ:

"(...) durante o Carnaval, as camadas superiores da sociedade carioca, do alto dos camarotes reservados, aplaudem e apreciam os desfiles e continuam reafirmando sua posição sócio-econômica. A própria disciplina do desfile seria uma prova suplementar da hegemonia dessa classe. Afinal, toda estrutura e funcionamento dessas escolas reafirmam o capitalismo selvagem que domina a sociedade do país. Até mesmo as regras e valores morais exigidos nos estatutos das escolas de samba, são uma reprodução do modelo político-econômico da sociedade."²⁷

²⁶ Op. cit., p.72.

²⁷ Op. cit., p. 107.

E quais as significações atribuídas ao Carnaval? Podemos encontrar várias: é uma festa que, elevada à condição de nacional, reforça o mito de nação, de um único povo, de uma sociedade igualitária, o que de certa maneira, reforça e compensa a hierarquia e a desigualdade do mundo da vida diária brasileira; ou seria, o Carnaval o momento em que nós, brasileiros, deixamos de lado nosso cotidiano, e ensaiamos viver com mais liberdade e prazer? Para Roberto da MATTA:

“o Carnaval seria como um ‘ritual nacional’, isso porque é um rito fundado na possibilidade de dramatizar valores globais, críticos e abrangentes de nossa sociedade, que ajudam a construir e a cristalizar uma identidade nacional abrangente.”²⁸

Acreditamos que é um momento onde o hierárquico e o igualitário coexistem, onde a forma musical vinda de ‘baixo’ - o samba - é utilizada como forma ideal de relacionamento social, onde o nu não é despudor e os corpos de homens e mulheres são glorificados abertamente. Enfim, no Carnaval, o idioma da sociedade se transforma:

“Ele é o espaço espremido entre a fantasia e a roupa de trabalho, a mulher e a amante, o machão e o homossexual, a riqueza e a pobreza, o dominador e o dominado, a família e a associação voluntária, a igualdade e a hierarquia. Nesse sentido, se o Carnaval acaba reforçando a ordem quotidiana, ele também coloca alternativas e sugere caminhos.”²⁹

²⁸ Op. cit., p. 38.

²⁹ Idem. p.112.

CONFETES E SERPENTINAS: A ALEGRIA NA RUA

CAPÍTULO II

Uberlândia cresceu sob o signo da Ordem, do Progresso e da Disciplina. Foi um discurso muito bem trabalhado pela classe dominante, veiculado pela imprensa local e incorporado socialmente.

Os primórdios do município datam do início do século XIX com o nome de Arraial de São Pedro de Uberabinha, fundação atribuída à família Carrejo que, segundo o registro de Tito Teixeira,³⁰ chegou ao Sertão da Farinha Podre em 1835, trazendo consigo alguns escravos. Pela lei nº 3.643 de 31 de agosto de 1888, “o governo da Província elevou a antiga Vila de São Pedro de Uberabinha à categoria de cidade e sede da comarca de primeira entrância, o que lhe garantia a autonomia judiciária.”³¹

Segundo Rodrigues:

*“as elites econômica e dirigente do município uberlandense, absorveram e difundiram com toda a intensidade o mundo do trabalho. A ideologia da ordem e do progresso nos foi repassada pela historiografia local, como também pelos jornais e alguns segmentos da sociedade, através de frases como estas: gente laboriosa, povo pacato, gente ordeira, cidade que marcha com o progresso da nação, trabalhou sem descanso para construir seu patrimônio familiar, dentre outras.”*³²

Os jornais de época nos relatam que já em 1907,³³ jovens uberabinhenses saem às ruas nos dias de Momo, a fazer brincadeiras e críticas bem humoradas a políticos e acontecimentos locais. Eram chefiados pelo Capitão Henrique de Castro, rapaz da elite local e, presença marcante, também em 1911:

“(...) foliões mascarados, dirigidos pelo pandego do Capitão Henrique de Castro, deu sota e basto nas ruas da cidade,

³⁰ TEIXEIRA, Tito. *Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central*. Uberlândia: UDI-Gráfica, 1970, p.19, vol. 1.

³¹ PEZZUTTI, Pedro. *Município de Uberabinha: história, administração, finanças e economia*. Uberabinha: Oficinas Livraria Kosmos, 1922, p. 23-4.

³² RODRIGUES, Jane Fátima S. “Uberabinha: Trabalho, Ordem e Progresso.” In: *Cadernos de História*, Uberlândia: LEAH/DEHIS/UFU, jan.95/dez. 96, p.115, vol.6.

³³ Jornal O Progresso, Ano I, nº 48, 28/02/1907.

provocando o riso e a galhofa em toda a parte onde chegavam. De diá foram os receiros as vítimas de chistoza crítica, a noite, foram as facções políticas que tomavam espirituosa bicada(...) Tudo correu na melhor ordem e sem incidentes desagradáveis.”³⁴

E assim, alternadamente³⁵ deparamos com notícias veiculadas sobre a festa carnavalesca em Uberlândia. Noticia-se sobre bailes promovidos em algumas residências³⁶ para comemorar os dias de folia, crônicas diversas, até que em 1928,³⁷ um grupo de “homens de cor”, consegue um carro e desfila pela avenida principal! A partir daí, o carnaval veste-se da cor negra.

Na segunda metade da década de 30 surgem os “ranchos” de homens de cor que, com considerável número de figurantes, tomam a avenida e participam do desfile carnavalesco, apesar da discriminação que “dividia” a principal avenida da cidade (a Afonso Pena), de um lado brancos e de outro negros.

De qualquer modo, os jornais proclamam carnavais de grande animação e folia, principalmente porque, *“o elemento de cor sempre anima muito a festa.”³⁸* Em 1937³⁹ destaca-se, o desfile dos ranchos Tenentes Negros, Turunas e Blocos Granadeiros e do Choro. No ano seguinte, a inauguração do Uberlândia Clube⁴⁰ oferece à elite uberlandense a chance de “brincar” o Carnaval em um novo espaço agora reservado apenas a seus pares. Já em 1940,⁴¹ um artigo aponta para o esvaziamento do Carnaval de rua e a sua “transferência” para os salões.

Chamou-nos a atenção também, outra publicação, deste mesmo ano denominada “Folguedos Carnavalescos - Aviso da Delegacia Regional de

³⁴ Jornal *O Progresso*, Ano IV, nº 177, 04/03/1911.

³⁵ É importante salientar que nesse período, de 1907 à 1932, as notícias sobre as festas carnavalescas são esparsas, ou seja, em um ano é publicado um artigo, em outros não.

³⁶ Jornal *A Tribuna*, Ano IV, nº 179, 18/02/1923.

³⁷ Jornal *A Tribuna*, Ano X, nº 412, 26/02/1928.

³⁸ Jornal *O Repórter*, Ano VI, nº 253, 19/02/1939.

³⁹ Jornal *A Tribuna*, Ano XX, nº 1076, 06/02/1937.

⁴⁰ Fundado em 12/02/1938.

⁴¹ Jornal *O Repórter*, Ano VII, nº 302, 18/02/1940.

Polícia”,⁴² constando diversas proibições e restrições aos foliões, de modo a organizar e disciplinar o desfile, definindo horário, percurso, etc.

Aqui em Uberlândia assim como no Rio de Janeiro, percebe-se a participação marcante da Polícia nos folguedos carnavalescos, acabando por ser parte importante na origem do modelo de festa carnavalesca tal como a conhecemos hoje.

Apesar do Carnaval em clubes começar a se destacar, a partir dos anos 40, isso não impede que, as pessoas mais humildes formem seus ranchos e promovam seus desfiles. Em várias outras reportagens veiculadas durante toda a década de 40, o Carnaval de rua desponta como sendo animado, principalmente pela presença dos ranchos Tenentes Negros, Flor de Maio e Trianon.

O conteúdo de duas matérias que circularam respectivamente em 1944⁴³ e 1945,⁴⁴ relatam homenagens “expressivas”, promovidas pelos “homens de cor” ao Prefeito Vasconcelos Costa. Parece-nos que estes buscavam angariar a simpatia do poder público, garantindo assim a continuação do Carnaval de rua.

Na década de 50 surgem as primeiras escolas de samba em Uberlândia. O Carnaval de rua ganha novo entusiasmo devido principalmente aos prêmios que passam a ser oferecidos à escola campeã, pela Rádio Educadora.⁴⁵ Segundo Silva:

“Na década de 50 o Carnaval ganhou o entusiasmo do radialista Maximiliano Carneiro, o Rei Momo cognominado Coronel Hipopoto, a Rainha Naghetina (Oswaldo Naghetini), o Príncipe Herdeiro Dedeu (Amadeu Zardo) e o Bobo da corte Tororó Tantam. Foi época de bom Carnaval. Tubal Vilela oficializou a festa, surgiu a primeira Escola de Samba, a Tabajaras do General Lotinho, nascida do rancho dos Tenentes Negros, surgiram outras escolas e o concurso

⁴² Jornal O Repórter, Ano VII, nº 302, 04/02/1940.

⁴³ Jornal O Repórter, Ano XI, nº 654, 05/02/1944.

⁴⁴ Jornal O Repórter, Ano XII, nº 756, 28/02/1945.

⁴⁵ Jornal Correio de Uberlândia, Ano XIX, nº 4304, 11/02/1956.

foi oficializado pelo prefeito Afrânio Rodrigues da Cunha. No começo as Escolas não possuíam música própria. Cantavam sucessos do rádio. A primeira vencedora foi a Tabajaras.”⁴⁶

Devido a essa e outras informações, achamos pertinente fazer algumas entrevistas buscando saber maiores detalhes sobre o nascimento da primeira escola de samba da cidade - a Tabajaras. A sua história se confunde com a do bairro Patrimônio, situado no setor sul da cidade. É o bairro mais antigo de Uberlândia, contando com 104 anos de fundação. De acordo com Caixeta:

“a ocupação do bairro intensificou-se a partir de 1894, quando foi construído no bairro o matadouro Municipal, que atraiu principalmente trabalhadores negros recém libertos motivados pela oferta de emprego.”⁴⁷

A Tabajaras nasceu em 1953, de uma reunião de amigos na casa do Sr. Alberto - o “Parceirão”. Ele conta que:

“no começo o pessoal se reunia aqui na porta de casa pra tocar um sambinha, cantar e dançar... e cada vez ia chegando mais gente... Aí, nós resolvemos formar uma escola de samba.”⁴⁸

Dona Lenica que também participou dessa primeira formação, quando questionada sobre as dificuldades enfrentadas, declara que:

“(...) difícil não foi porque a gente não tinha noção da coisa... Então a gente não foi procurar ninguém para ajudar... Cada um dava alguma coisa, fazia a sua fantasia... depois que foi entrando outras escolas é que passou a procurar ajuda.”⁴⁹

Quanto à escolha do presidente e fundador da escola, “Seu Bolinho” diz que:

⁴⁶ SILVA, Antonio Pereira. *O Carnaval em Uberlândia*. Arquivo Municipal de Uberlândia, s/d, mimeo.

⁴⁷ CAIXETA, Jeane M. *Patrimônio. Imagem e Memória de um Território Negro*. Monografia. Curso de História, UFU, 1997.

⁴⁸ Entrevista com Alberto - “Parceirão” - 10/08/97.

“o Lotinho foi escolhido como fundador porque ele tinha mais jeito... Ele gostava de cantar... cantava no rádio... ele era meio artista, então a gente mesmo que escolheu que ele ia fundar a escola...”⁵⁰

Para conseguir ajuda para o desfile, a Escola passou a utilizar o “livro de ouro”, Dona Lenica explica:

“não tinha, assim patrocínio... Então o Lotinho saía nas lojas com o ‘livro de ouro’ e as pessoas dava a doação e ele ia anotando o nome. Então ele já tinha ‘formado’ as pessoas que ajudava.”⁵¹

Quanto ao desfile, “Seu Bolinho” expressa saudosista:

“(...) a avenida ficava cheia... O desfile era na Afonso Pena, a gente subia daqui, passava em frente a Prefeitura e seguia na avenida... Então não tinha concurso igual hoje; uma escola descia a avenida e a outra subia... Ao passar uma escola pela outra, aquela bateria que abafasse a outra bateria era a escola campeã. E sempre, a bateria da Tabajaras ganhava...”⁵²

Dona Fiinha reforça esta imagem:

“todo mundo saía pra ver nos prédios e não tinha cordão de isolamento; a gente ia procurando um jeito de passar na rua desfilando... Tinha um ponto, por exemplo, no “Bar da Mineira” onde ficava o povo mais rico, aqueles que ajudava, a gente parava em frente esse bar e tocava e dançava pra eles.”⁵³

O que percebemos claramente nesses depoimentos é que o Carnaval era uma festa inteiramente popular, no sentido de que, as pessoas participavam efetivamente da Escola, ajudando umas às outras na confecção de fantasias, indo aos ensaios, enfim, se preocupando com o desfile Dona Fiinha, declara:

⁴⁹ Entrevista com Maria Helena Oliveira - “D. Lenica” - 08/07/97.

⁵⁰ Entrevista com João Rodrigues “Seu Bolinho” - 14/08/1997.

⁵¹ idem.

⁵² Idem.

⁵³ Entrevista com Maria Margarida Silva - “D. Fiinha” - 23/07/97.

*"(...) as coisas mudaram muito, porque antes a gente dançava porque gostava, era amor mesmo! Hoje não, pessoas vão dançar pra poder ganhar ingresso pro baile no final; outros, se não der a roupa todinha pra ele, ele não dança."*⁵⁴

E acrescenta:

*"(...) o pessoal de antigamente tinha mais garra, ia atrás mesmo... Hoje não, se não vier o dinheiro da Prefeitura, ninguém que batalhá pra fazer a Escola sair na avenida."*⁵⁵

Pelos relatos, podemos notar como as pessoas se integravam à festa carnavalesca e se envolviam em todo o processo, desde a confecção de fantasias até a arrecadação de fundos para colocar o carnaval na rua.

Tudo isso, juntamente com o crescente entusiasmo dos carnavais promovidos nos clubes faz com que encontremos publicações como esta: *"Uberlândia teve seu maior carnaval dos últimos tempos"*,⁵⁶ matéria que relata que a festa de momo nos clubes e na rua foi super-movimentada. Isto, segundo os jornais, incentivava o turismo em Uberlândia, e declaravam ser aqui o melhor carnaval do interior do Brasil Central.

Constatamos que a festa carnavalesca interessava aos comerciantes de um modo geral e também à administração pública, tendo em vista os prêmios oferecidos às escolas de samba no ano de 1958:

"Carnaval: Os prêmios para as escolas de samba serão oferecidos por:

1º lugar: 10.000 cruzeiros - Irmãos Garcia

2º lugar: 6.000 cruzeiros - Oliveira S. Schiavinatto

3º lugar: 4.000 cruzeiros - OKm=Sinal do Melhor

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ Jornal *Correio de Uberlândia*, Ano XXI, nº 5635, 20/02/1958.

Último lugar: 2.000 cruzeiros - Prefeito Afrânio Rodrigues da Cunha.”⁵⁷

Durante toda a década de 60 os jornais noticiavam com regularidade, a ascensão dos clubes particulares que promoviam o Carnaval com seus concursos e concorridos bailes, que se transformou numa das melhores festas do interior do Brasil. Por outro lado, o desfile de rua, nem sempre muito regular ou noticiado, contava com pouco ou nenhum apoio por parte da administração pública.

Segundo SILVA:

“(…) de um modo geral, a partir da década de 60, paulatinamente, o Carnaval vai concentrando-se nos salões e perdendo a participação popular na rua.”⁵⁸

Em 1972, a Prefeitura, na figura do prefeito Virgílio Galassi promove o retorno das escolas de samba à avenida, já que, desde 1970 estas não desfilavam, e o Carnaval daqueles dois anos, fora restrito aos clubes. Segundo matéria do jornal,⁵⁹ o Carnaval naquele ano fora um sucesso absoluto pois:

“movimentou a cidade e proporcionou lucros e aumento de vendas para o comércio. Uberlândia contou este ano com a ajuda oficial do prefeito, Virgílio Galassi, que vem fazendo uma administração humana, homem inteligente e sensível que quis dar ao seu povo a festa que foi um sucesso. Se alegria é sentimento humano e sentimento não tem preço, o administrador de Uberlândia pode gabar-se de ter dado quatro dias de festa e alegria a seu povo.”

A partir daí e durante esta década o Carnaval de rua segue com “altos e baixos” contando ou não, com o apoio do poder público.

No início dos anos 80, encontramos diversos artigos noticiando sobre a realização do Carnaval de rua. Já se percebe uma participação efetiva do poder

⁵⁷ Jornal *Correio de Uberlândia*, Ano XXI, nº 5633, 16/02/1958.

⁵⁸ Op. cit., p.02.

público na execução da festa, desde a ornamentação da Av. Afonso Pena e a preocupação em conseguir verba para distribuir às escolas de samba no intuito de “ajudá-las” na composição de suas fantasias.

Para o Prefeito Virgílio Galassi:

“(...) o desfile de nossas escolas é a única atração oferecida ao povo, sem cobrança de ingresso, durante os festejos de Momo, além de se constituir numa atração turística, pois as escolas tradicionais em nosso Carnaval, já contam com grande público, que permanece em toda a Av. Afonso Pena torcendo por sua favorita.”⁶⁰

Foi promovido no ano de 1980 um desfile de carros alegóricos, de propaganda de várias empresas da cidade, que ganhavam uma publicidade vista por mais de trinta mil pessoas na avenida, como recompensa por ajudarem as agremiações na organização “do grande espetáculo”. Esses desfiles ocorreram entre o espaço da apresentação de uma e outra escola de samba.

Em 1981 uma grande mudança se verifica: a transferência do local do desfile para a Av. João Naves de Ávila.⁶¹

“A impossibilidade de se manter o Carnaval de rua na Av. Afonso Pena tem sido constatada nos últimos desfiles. A interrupção da principal artéria da cidade causa problemas ao tráfego que é totalmente desviado(...). O desfile desagrada aos comerciantes que reclamam de danos causados às suas vitrines e luminosos. Desagrada à população que fica impedida de usar normalmente o serviço de transportes e aos moradores dos edifícios de apartamentos que se queixam do barulho que os atinge(...).”⁶²

A partir daí um aparato policial será usado, bem como, fica definido que será feito o isolamento do público de modo que este não tenha acesso à pista da

⁵⁹ Jornal Correio de Uberlândia, Ano XXXVI, nº 11.411, 17/02/1972.

⁶⁰ Jornal Correio de Uberlândia, Ano XLII, nº 12.808, 18/01/1980.

⁶¹ É uma avenida central no que se refere ao trecho utilizado para o desfile, mais espaçosa e de fácil acesso.

avenida, a fim de que as escolas apresentem seu desfile sem a participação do mesmo na passarela.⁶³ Outra resolução também acatada foi a construção de uma arquibancada com extensão de 70 metros e doze degraus para que, os que desejassem assistir ao desfile “comodamente” sentados, pudessem fazê-lo mediante o pagamento de Cr\$ 50,00 por noite.

É importante salientar que a Prefeitura em seu apoio às agremiações carnavalescas, busca arrecadar recursos junto “às forças vivas da comunidade.”⁶⁴ Inclusive, os troféus e prêmios oferecidos são dados pelas empresas locais.

Em 1983 toma posse o Prefeito Zaire Rezende, que cria a Secretaria Municipal de Cultura, que passará a “cuidar” de todas manifestações culturais da cidade. A criação desta secretaria vem oficializar este apoio. Iniciam-se então, os carnavais oficialmente regulamentados, com normas claras, contendo todos os requisitos a serem cumpridos, como horários, locais de ensaio, etc., até o momento da dispersão ao final do desfile.

A partir de 1984, já sob o “comando” da Secretaria Municipal de Cultura, o Carnaval tem novidades. São abertas inscrições para o desfile de blocos carnavalescos, que poderão contar com o apoio da administração pública e de acordo com sua classificação serão premiados. Noticia-se⁶⁵ que este carnaval, de 84, foi um grande sucesso, tendo contado inclusive com a presença do prefeito e seus secretários no palanque, além de destacar o trabalho feito pela Comissão Organizadora da Festa.⁶⁶

⁶² Jornal Correio de Uberlândia, Ano XLIII, nº 13.075 – 08/01/1981.

⁶³ Jornal Correio de Uberlândia – Ano XLIII, nº 13.075 – 11/02/1981.

⁶⁴ Forças que seriam principalmente o comércio local. Jornal Correio de Uberlândia, Ano XLIII, nº 13.056, 15/01/1981.

⁶⁵ Jornal Correio de Domingo, Ano 0, nº 16, 29/01/1989.

⁶⁶ A Comissão Organizadora é formada por funcionários da Secretaria Municipal de Cultura, não contando com nenhum representante das escolas de samba.

Nos anos subseqüentes as notícias veiculadas sempre falam de carnavais muito animados, com grande participação do público e sempre contando com a organização feita pela Comissão Carnavalesca representando a administração pública.

São tempos áureos do Carnaval de rua já regulamentado, onde temos até o lançamento de um disco, contendo os sambas-enredo das 9 (nove) escolas de Uberlândia.⁶⁷ O auge é atingido em 1988 no Carnaval da cidade, onde os jornais informam uma programação extensa de preparativos para a festa.⁶⁸

Já em 1989 as notícias sobre a festa carnavalesca vão aparecer sempre juntamente com comentários sobre a “crise financeira” que o país enfrenta. São manchetes como: “Muito calor na cidade no carnaval do congelamento”⁶⁹ ou “Carnaval: verba insuficiente para as Escolas em época de crise econômica”⁷⁰ entre outras. Essa é aliás, o principal argumento do poder público para a constante diminuição da verba para festa carnavalesca principalmente a partir da década de 90:

“(...) a pouca verba distribuída pela Secretaria Municipal de Cultura às escolas e as dificuldades financeiras enfrentadas na compra de materiais para as fantasias, devido à crise econômica e à inflação galopante fizeram com que as escolas saíssem esta ano na avenida com pouco luxo e quase nenhuma alegoria.”⁷¹

Em 1991 altera-se o local do desfile transferindo-o para a Av. Monsenhor Eduardo (anexo nº 01): “A infra-estrutura idealizada custará cerca de Cr\$ 10

⁶⁷ Jornal Correio de Uberlândia, Ano XLIX, nº14.561, 13/02/1987.

⁶⁸ Jornal Correio de Uberlândia, Ano XLIX, nº14.815, 02/02/1988.

⁶⁹ Jornal Correio de Domingo, Ano 0, nº16, 29/01/1989.

⁷⁰ Jornal Correio de Uberlândia, Ano XLIX, nº15.305, 26/01/1990.

⁷¹ Jornal Correio de Uberlândia, Ano XLIX, nº15.328, 01/03/1990.

*milhões, e boa parte destes recursos serão patrocinados pelas distribuidoras de bebidas da cidade.*⁷²

Essa mudança culminará em um grande fracasso prejudicando muito o carnaval de rua da cidade. A festa será limitada apenas aos pagantes e o grande público não participará:

“O carnaval de Uberlândia foi programado para ser um anticarnaval. A festa que já foi do povo, este ano suprimiu o povo. O sambódromo de Terezinha Magalhães está mal decorado, mas tem camarotes, mesas, palanques, arquibancadas, tudo o que for possível para tornar mais cômodo a presença de pessoas que podem pagar. Não há acesso à Avenida Monsenhor Eduardo para o público não pagante. Se uma família do Bairro Lagoinha, um dos mais pobres da cidade, quiser ver o Carnaval vai ter gastar muito. Se considerarmos que a família tem cinco pessoas ela vai gastar Cr\$ 1.500,00. Com esse dinheiro a família poderia comer quatro quilos de carne de segunda...”

“A família do Lagoinha não pôde ver o desfile da Furacão, e os sambistas desfilaram para dois vereadores, dois secretários municipais, os jornalistas e dezenas de pessoas da classe média que pagaram para entrar. Está sendo o carnaval mais apático que alguém já viu nesta cidade. Um carnaval baixo astral. O pior disso tudo, é que a secretaria de cultura acha mesmo e não cansou de dizer isso em entrevistas aos órgãos de imprensa, que o povo tem dinheiro suficiente. O sambódromo foi programado e deixou o povo de fora. Pensam as autoridades de Uberlândia que a qualidade do Carnaval daqui é inquestionável e por isso, o povo tem que pagar pra ver. O Rio de Janeiro que se cuide.

*O povo, de novo ele, que já foi o autor da festa, virou o bobo da corte, ou desfila em escolas de Il Grupo, fantasiado pela pobreza, ou se expõe num quarto bloco: o da polícia. O bobo da corte está desfilando pela Monsenhor Eduardo, algemado, depois de tanto beber na periferia do sambódromo na esperança de poder ver alguma coisa. Das arquibancadas, os poucos espectadores vão; dos camarotes, a classe média grita: mais um, a cada novo preso. Enquanto isso, as escolas desfilam para os jurados contagiados pelo baixo astral. O carnaval de Uberlândia tem tudo para ser um grande carnaval. Mas é preciso que antes se arrume uma forma de deixar espaço para que os policiais façam seu trabalho sem espetáculo. Nem isso, a Cultura previu. A falta de povo, ela previu. E acha que está certa.*⁷³

⁷² Jornal Correio de Uberlândia, Ano XLIX, nº15.540, 09/01/1991.

Apesar das críticas, nos anos seguintes até 1996 o carnaval de rua continuará sendo realizado na Av. Monsenhor Eduardo. Em 1992, o acesso às arquibancadas será gratuito e foi providenciado maior espaço àqueles que quisessem assistir o carnaval nas calçadas. Porém, a grande quantidade de pessoas que buscam acomodação nas arquibancadas provoca acidente:

“Arquibancada que caiu na avenida feriu 40 pessoas. (...) desabamento de parte da arquibancada e camarotes montados na Av. Monsenhor Eduardo para que o público assistisse ao desfile, deixa quarenta feridos.”⁷⁴

De acordo com o jornal, a Prefeitura assume todas as responsabilidades pelo ocorrido. Apesar disso, as declarações do prefeito Virgílio Galassi apontam para uma grande festa:

“O prefeito Virgílio Galassi durante entrevista a uma rádio local, rasgou elogios ao desempenho da secretária de cultura Terezinha Magalhães, ao organizar o carnaval de rua deste ano. ‘Pensar que é possível fazer um carnaval de rua melhor do que este é sonhar’, disse ele.”⁷⁵

No ano seguinte, as manchetes veiculam um carnaval em crise. Segundo a nova secretária de cultura, Creusa Resende, *“é tempo de se repensar o Carnaval”*, pois:

“(...) é necessário tornar o produto em uma ação cultural maior. ‘Quando saio da Av. Monsenhor Eduardo, vejo as ruas da cidade desertas; temos que envolver mais pessoas, todas as comunidades, e que elas não fiquem simplesmente ligadas a blocos carnavalescos tradicionais’.”⁷⁶

⁷³ Jornal Correio de Uberlândia, Ano XLIX, nº15.565, 12/02/1991. A-2 – Comentário da jornalista Dolores Mendes.

⁷⁴ Jornal Correio de Uberlândia, Ano XLIX, nº15.882, 05/03/1992.

⁷⁵ Jornal Correio de Uberlândia, Ano XLIX, nº15.881, 03/03/1992.

⁷⁶ Jornal Correio de Uberlândia, Ano XLIX, nº16.180, 24/02/1993.

Ainda neste ano várias são as propagandas divulgando o carnaval no estilo baiano, promovido nas cidades vizinhas. Ao que parece, esse é um debate nacional:

“Carnaval Rio ou Carnaval Bahia? (...) divisão do público neste carnaval, onde os baianos aparentemente ganharam a guerra e decretaram a supremacia da folia espontânea das ruas sobre a produção hollywoodiana dos desfiles cariocas. A questão mexe com os carnavais de outras cidades: em Uberlândia se fala em ‘repensar o Carnaval.’”⁷⁷

São poucas as matérias encontradas no ano de 1994, porém as veiculadas em 1995 demonstram que o Carnaval anterior fora “desanimado”:

“Escolas prometem carnaval 98% melhor(...) as escolas prometem desfiles bonitos para tirar o uberlandense da sala de TV e levá-lo à avenida”.⁷⁸

E ainda:

“(...) pressão da secretária Creusa Resende sobre as escolas e blocos, para fazerem jus à verba recebida e apresentarem um carnaval melhor.”⁷⁹

Houve um aumento da arquibancada que passou de 2.500 lugares para 5.000 lugares, e a população lotou-a, as escolas de samba atenderam as expectativas mostrando grande melhora em relação ao ano anterior.⁸⁰

Já em 1996, a administração pública providencia somente uma arquibancada e a decoração na avenida é “simples”. A alegação é a falta de

⁷⁷ Jornal Correio de Uberlândia, Ano XLIX, nº16.181, 25/02/1993.

⁷⁸ Jornal Correio de Uberlândia, Ano XLIX, nº16.788, 11/02/1995.

⁷⁹ Jornal Correio do Triângulo, Ano , nº16.788, 11/02/1995.

⁸⁰ Jornal Correio do Triângulo. Ano , nº 16.802. 28/02/1995.

verbas. A subvenção para as escolas também é considerada insuficiente.⁸¹

Paralelo a isso, o carnaval baiano com trios elétricos e bandas na região progride:

“Cidades da região já estão preparadas para o Carnaval. A idéia é atrair um grande público; mais de 100 mil turistas são esperados.”⁸²

O que marcará este carnaval em Uberlândia é a tranqüilidade e a saída em massa de uberlandenses para as cidades vizinhas, ficando os bares e os clubes locais em prejuízo,⁸³ em que pese o comparecimento de um bom público no dia do desfile das escolas do primeiro grupo.⁸⁴

No ano de 1997 o carnaval uberlandense fica ameaçado de acontecer face à fuga de foliões e da platéia e, sobretudo à escassez de recursos oriundos da Secretaria de Cultura:

“Sem dinheiro, Uberlândia não terá carnaval. (...) carnaval agoniza, sem baile nos clubes e escolas de samba na rua. A decisão foi tomada ontem, durante reunião do prefeito Virgílio Galassi e membros da Assosamba – Associação das Escolas de Samba. Os clubes tradicionais também decidiram não promover bailes, alegando falta de interesse dos foliões locais. Escolas de samba decidiram não sair e responsabilizam a Prefeitura pela não realização da festa.”⁸⁵

A Prefeitura alega não ter verbas para promover a festa e por outro lado, os presidentes das agremiações se dizem prejudicados, já que a subvenção fora prometida e muitos já haviam feito compromissos, inclusive com cheques pré-datados, de modo a ir preparando seu desfile.

Por fim, a Prefeitura recua e libera parte da verba as escolas:

⁸¹ Jornal Correio. Ano 58, nº 17.094, 10/02/1996.

⁸² Jornal Correio. Ano 58, nº 17.095, 11/02/1996.

⁸³ Jornal Correio. Ano 58, nº 17.103, 21/02/1996.

⁸⁴ Jornal Correio. Ano 58, nº 17.102, 20/02/1996.

⁸⁵ Jornal Correio. Ano 58, nº 17.381, 14/01/1997.

“(...) com a liberação de parte da verba, a Assosamba formou uma comissão para buscar mais patrocínio junto à iniciativa privada e decidiu realizar a festa. A prefeitura não terá nenhuma responsabilidade sobre o carnaval de rua, pois não tem verba para organizar a infra-estrutura do desfile, como arquibancadas e som mecânico.”⁸⁶

A agência de promoções GBM fecha acordo com a Assosamba e decide promover a infra-estrutura do desfile:

“De acordo com o diretor da GBM, Fernando Clemente, a agência gastaria apenas 20% da estimativa feita pela Prefeitura para viabilizar a parte estrutural da festa. ‘A maioria dos eventos organizados pelo poder público acaba saindo muito mais caro do que o preço de mercado. Para se ter uma idéia, a administração municipal gastaria R\$ 18 mil’ com a aparelhagem de som, que sairá para nós por R\$ 10 mil’, estimou Clemente.”⁸⁷

O projeto discutido entre GBM e Assosamba muda o desfile para Av. Belo Horizonte nas proximidades da ACIUB – Associação Comercial e Industrial de Uberlândia, pois esta funcionaria como ponto de apoio, com banheiros e espaço para bares e lanchonetes.

Segundo Heli Fidélis, da comissão carnavalesca criada pela Assosamba, e candidato a presidência da mesma:

“Esse carnaval vai ser da libertação, da revelação e da independência total; é importante desmistificar a idéia de que a Prefeitura banca tudo e que, sem ela, o carnaval não acontece.”⁸⁸

E o Carnaval de rua realmente acontece, com um público de 9 mil pessoas, onde os jurados trabalharam sem receber nada, assim como o Rei Momo e sua

⁸⁶ Jornal Correio. Ano 58, nº 17.382, 15/01/1997.

⁸⁷ Jornal Correio. Ano 58, nº 17.384, 17/01/1997.

⁸⁸ Jornal Correio. Ano 59, nº 17.403, 08/02/1997.

Rainha que antes eram pagos pela Prefeitura. Vemos aqui, um marco e a perspectiva de começo de um novo tempo no carnaval uberlandense:

“Carnavalescos, Assosamba, escolas, iniciativa privada e simpatizantes deram prova suficiente de que são capazes de arcar com as despesas e realizar a festa mais popular e tradicional do País, sem que fosse necessário o afago paternalista do Município. Ponto para eles nos quesitos esforço, comprometimento e profissionalismo.”⁸⁹

⁸⁹ Jornal Correio. Ano 58, nº 17.094, 10/02/1997.

CONFLITOS E TENSÕES EM DIAS DE MOMO

CAPÍTULO III

Objetivando entender essa regulamentação do Carnaval na cidade, fomos até a Secretaria Municipal de Cultura em busca de fontes que nos permitissem compreender melhor sua institucionalização.

Após várias tentativas conseguimos ter acesso a diversos documentos⁹⁰ a partir do Carnaval de 1984 a 1997. Infelizmente essa documentação não tem uma continuidade. Em alguns anos têm-se vasto material, em outros muito pouco, como nos anos de 1984 a 87.

De qualquer maneira, trata-se de um conjunto valioso, composto principalmente por projetos, termos de compromisso, regulamentos diversos, histórico das escolas de samba, estatutos, relatórios, notas fiscais e correspondências diversas, que em muito nos auxiliou no encaminhamento da análise proposta.

A 05 de novembro de 1983 o Prefeito Zaire Rezende assinou o decreto nº 2506 para designar a Comissão Municipal de Promoções e definir atribuições, *"com finalidade de organizar, orientar e dirigir os festejos carnavalescos para o ano de 1984."*⁹¹ Ao longo da pesquisa percebemos que em todos os anos era formada uma Comissão representando a administração pública que iria preparar um projeto para o Carnaval e desenvolvê-lo.

No Projeto consta desde o valor a ser gasto pelo poder público, até as normas exigidas para a participação de escolas de samba e blocos no desfile. Sua justificativa aponta sempre para a atuação da administração pública no sentido de participar e organizar, mas sem interferir na festa carnavalesca. Porém, na verdade o próprio projeto já demonstra que a "interferência" daquela é direta. Todo o evento carnavalesco é gerenciado pela mesma.

⁹⁰ A maioria destes documentos não estão datados o que prejudicou a pesquisa.

⁹¹ ATA de reunião - Secretaria Municipal de Cultura - 12/03/1984.

São promovidas reuniões com a LESU,⁹² com o intuito de que seus representantes “ajudem” a organizar a festa, que na realidade já estava concebida pela administração.

Os Termos de Compromisso(anexo 2) têm como fim validar o “acordo” feito entre as Escolas de Samba e a Prefeitura Municipal, estipulando as condições às quais deviam se submeter as agremiações participantes e a verba distribuída. Para isto, passariam a enviar à Secretaria Municipal de Cultura, carta informando dados sobre a sua diretoria, suas cores e seu samba-enredo, explicitando assim, o tema a ser apresentado na avenida.

A escolha do jurí era feita pela Comissão Carnavalesca juntamente com a LESU e os jurados pagos pelo trabalho de avaliar os quesitos em julgamento. Foi elaborado um documento pela administração pública com os “Critérios Básicos para Julgamento dos Desfiles Carnavalescos” (anexo 3) com avaliação de 11(onze) quesitos: Bateria, Samba-enredo, Evolução, Enredo, Comissão de Frente, Mestre-Sala e Porta-Bandeira, Alegorias e Adereços, Ala das Baianas, Harmonia, Conjunto e Fantasia, de maneira a *“conservar os valores originais do desfile de modo a preservar a autenticidade e a tradição de um espetáculo que nasceu do povo, para o povo.”*⁹³

Além disso, a segurança pública durante o período carnavalesco é garantida a partir do decreto nº 5539, de 14 de janeiro de 1986,(anexo 4) onde a Secretaria de Estado da Segurança Pública, estabelece várias normas de modo *“(...) assegurar à população tranqüilidade e ordem durante os festejos*

⁹² LESU – Liga das Escolas de Samba de Uberlândia, surge em 1981 por solicitação do poder público local, de modo a “organizar” o recebimento de verbas na figura dos representantes das escolas de samba. Segundo depoimentos diversos, a LESU não era reconhecida como força representativa das escolas.

⁹³ Critérios Básicos Para Julgamento dos Desfiles Carnavalescos. Secretaria Municipal de Cultura, s/d.

carnavalescos".⁹⁴ Nesse sentido, todas as escolas e blocos deverão obter alvará de licenciamento para poderem desfilar. Alguns tipos de fantasia, que imitem indumentárias religiosas ou contenham peças de uniformes das classes armadas, são proibidas.

Ao final da festa carnavalesca, todas as agremiações devem "prestar contas", do que foi feito da verba distribuída. Nos deparamos com grande quantidade de notas fiscais enviadas pelas escolas à Secretaria Municipal de Cultura, no interesse de demonstrar seus gastos. São muitas também, as reclamações feitas pelas mesmas de que, a verba destinada era insuficiente frente aos gastos necessários à realização de um bom Carnaval. Por outro lado, nem todas as agremiações ajustava suas contas no prazo determinado, sendo esta a alegação do poder público para o atraso das verbas no ano seguinte.⁹⁵

|| Comissão Organizadora, enviou uma carta à LESU insistindo que pelo menos um representante desta entidade integrasse à Comissão:

"(...)para colaborar, na definição da extensão da passarela, locais para concentração das Escolas, e outros assuntos relacionados com o desfile em si, por entendermos que muita coisa que possa escapar aos nossos olhos, poderá ser detectada por uma pessoa com experiência em vários carnavais."

Ao que parece, toda essa parte técnica ficava na realidade, à cargo da Comissão Organizadora, representando o poder público, sem a participação das Escolas. Porém, interessava às agremiações o recebimento de uma verba maior e repassada com mais antecedência para o desfile carnavalesco.

⁹⁴ Secretaria de Estado da Segurança Pública - Resolução nº 5539 - 14/01/1986, Secretaria Municipal de Cultura, 14/01/1986.

⁹⁵ Prefeitura Municipal de Uberlândia - 29/11/1985 - Assinada pelo Presidente da Comissão Organizadora - Sérgio Chaves Spini.

Notamos que, em todo esse processo o conflito está presente. Em carta enviada pelo presidente da Escola de Samba Tabajaras Sr. Laércio Borges Vieira para a responsável Sr^a. Iolanda de Lima secretária da cultura, à 03 de setembro de 1987, ele argumenta:

“(...) Queremos ressaltar primeiramente, que V. Excia., ao tratar com as escolas de samba, deve levar em consideração o nível intelectual e cultural de cada presidente, que muitas vezes, e através dos tempos, tiraram proveito pessoal das verbas adquiridas para as apresentações no carnaval, em detrimento das próprias escolas que dirigem e da sociedade uberlandense.

Em segundo lugar, queremos deixar bem claro, para V. Excia., que as escolas de samba de Uberlândia, em sua totalidade, não se apresentam como uma entidade devidamente constituída e que têm algo a oferecer ao participante após os dias de carnaval, ficando apenas restrita ao presidente ou ‘faz tudo’.”⁹⁶

Essa carta indica algo que nós observamos no decorrer de toda a pesquisa: a desunião existente entre as agremiações na figura de seus representantes. Fica claro que existia grandes discordâncias, e estes não conseguiram se aglutinar enquanto força representativa devido a essas desavenças.

A carta que transcrevemos a seguir, de um funcionário de Secretaria Municipal de Cultura, nos revela, um outro lado da questão:

“No carnaval como um todo (de rua): não o vejo como natural e sim fabricado. Haja visto as primeiras escolas e como se dava o desfile. Era algo mais festivo com a participação popular (o Prof. Antônio Pereira é estudioso profundo da história do Carnaval em Uberlândia) e não se dava num clima em que se pretende imitar o Carnaval Show do Rio de Janeiro, por exemplo. Um carnaval assim acaba sendo restrito a um pequeno número de pessoas (acesso às arquibancadas e passeios da Avenida Mons. Eduardo) e requer uma verba substancial da Prefeitura para custear Escolas de Samba acomodadas a uma falta de tradição e sem recursos próprios. O Carnaval não cresceu por conta própria, foi adotado e talvez até,

⁹⁶ Carta de Laércio Borges Vieira – presidente da Tabajaras à secretária Iolanda Lima em 03/09/1987.

*decegado de suas raízes: perdeu a identidade. Por outro lado é desgaste das pessoas envolvidas no Carnaval. Mais especificamente, nós da Sec. Cultura. Não temos na verdade (estou inferindo a partir de opiniões dos colegas mais próximos) comprometimento com carnaval. Particularmente não me identifico com carnaval. Isso tudo gera uma pasteurização, através de óticas e filtros distantes da velha tradição carnavalesca, a qual adotamos na melhor das intenções mas com interferências várias que acabam colocando em evidência o CARNAVAL QUE QUEREMOS e o CARNAVAL ASSIM COMO ELE ACONTECE. (...)
Questiono o desejo, embora cheio de boas intenções, de tutelar o carnaval que é uma cultura popular e não requer academicismo.⁹⁷*

Fica óbvio, a insatisfação presente em alguns funcionários do poder público, em ter que organizar a festa carnavalesca e um questionamento ao paternalismo existente por parte dessa administração pública às escolas de samba.

Ao contrário do que se percebe na organização do Carnaval carioca, onde as agremiações têm grande força representativa e participam de todas as decisões sobre a festa, em Uberlândia as escolas de samba, na figura de seus representantes, buscam resolver individualmente seus problemas.

Além disso, não detectamos a existência de nenhum tipo de projeto para angariar recursos pelas agremiações, que pudesse ser somado à verba destinada pela Secretaria. Por outro, nenhuma das escolas visitadas – Tabajaras, Garotos do Samba, e Unidos do Chatão possuem sequer um cadastro de seus foliões, o que a nosso ver dificulta a criação de vínculos com às escolas e a busca de formas alternativas de arrecadação.

Percebemos que as agremiações, desde seu representante maior, aos responsáveis pelas alas ou quesitos a serem julgadas, têm uma postura individualista, não pensando no todo. Nesse sentido, cada escola e sua

⁹⁷ Trecho de carta escrita por Eugênio Pacelli, em 22 de fevereiro de 1994, na época funcionário da Secretaria Municipal de Cultura.

comunidade têm dificuldades de identificação, de “pertencimento”, principalmente as novas gerações, já que não se preocupam em preservar ou organizar seu patrimônio.

Embora durante o período de ensaio das escolas, algumas promoções sejam feitas, como por exemplo, as “rodas de sambas”, a arrecadação é insignificante para os gastos com o desfile, bem como estes eventos são esporádicos. Mesmo o dinheiro da venda de ingressos das arquibancada, que é dividido entre as escolas, não é suficiente.⁹⁸

Em carta aberta ao público, escrita em 1990, as agremiações carnavalescas reclamam da verba destinada ao Carnaval:

**“PODE NÃO HAVER CARNAVAL DE RUA’
Por que?**

Em 1989, a Secretaria Municipal de Cultura designou uma verba de NCZ\$ 5 2.150,00 para o Grupo I e NCZ\$ 1.200,00 para Grupo II, sendo que foi gasto pelas Escolas de Sambas do Grupo I a quantia de NCZ\$ 5.750,00, dando uma diferença de NCZ\$ 3.600,00 para ser rateada entre os diretores de cada Escola.

Este ano, em virtude do alto custo da matéria prima que é gasta por cada Escola com materiais em couro, plástico, madeira, tinta, cola, tecidos, sem contar a mão-de-obra, que é principal, a Secretaria Municipal de Cultura, através da Câmara Municipal, aprovou uma verba de NCZ\$ 50.000,00 para cada Escola Oficial, sendo que o orçamento feito pelos Presidentes foi na ordem de NCZ\$ 120.000,00, referente somente a material, não computando a mão-de-obra.

Por esse motivo as Escolas que fazem o brilho do Carnaval de Rua e que sempre são criticadas por aquilo que deixam de levar para Avenida, vêem, através deste documento trazer ao conhecimento público todas as dificuldades que as Escolas de Samba enfrentam em levantar fundos para fazerem um Carnaval digno de uma cidade que se aproxima dos 600 mil habitantes. Se não houver bom senso por partes dos dirigentes políticos e empresários de nossa cidade, poderemos ter um desfile, porém, mais pobre do que o do ano anterior, ou até mesmo não realizarmos os Desfiles do Carnaval de 1990.

CONTAMOS COM SEU APOIO.

VAMOS, JUNTOS, PRESERVAR O CARNAVAL, QUE É

⁹⁸ Na documentação pesquisada não foi possível descobrir os caminhos que percorrem este dinheiro, até chegar às escolas de samba.

A MAIOR FESTA DO MUNDO.”⁹⁹

Esta carta de protesto, demonstra que as escolas não “aceitavam” tudo o que vinha da Secretaria de Cultura. Além disso, foram várias as reclamações feitas por parte das agremiações, ao júri escolhido para julgar o desfile. Cada escola tinha o direito de indicar duas pessoas para compô-lo, porém constatamos que surgiam muitas divergências no momento da decisão, já que os escolhidos, em geral, já participavam do Carnaval em determinada agremiação, sendo portanto considerados tendenciosos.

Sendo assim, ao final, o júri acabava sendo formado por pessoas consideradas “neutras” pela Comissão Municipal mas que, na grande maioria, não tinham nenhuma experiência para julgar determinados quesitos.

Em 1992, o MONUVA – Movimento Negro Uberlandense – Visão Aberta, decide formar um júri paralelo:

“Uberlândia, 14 de fevereiro de 1992

Ilma Sr^a.

Teresinha Magalhães

D. D. Secretaria de Cultura

Nesta

Prezada Senhora

Por intermédio desta, a parabenizamos pelo dinamismo que tens empregado nos preparativos do Carnaval deste ano para que ele seja o ‘carnaval dos carnavais’. Nós também querendo participar deste grandioso evento, decidimos premiar, a escola de samba que acharmos ser a melhor das do 1º grupo, com o ‘Troféu Monuva’.

Montaremos um júri especial, formado por nossos diretores e militantes e para que isto seja possível, necessitamos que nos libere Crachás, para que possamos adentrar na passarela com o fito de efetuarmos nossa votação, ou uma cabine para o mesmo fim.

Certos de que desde agora poderemos contar com vossa atenção, agradecemos e aguardamos resposta.

Cordialmente.

Ismael Marques de Oliveira

⁹⁹ Carta escrita pelos presidentes das agremiações em 1990.

Presidente”¹⁰⁰

Entendemos a constituição desse júri como uma forma de pressão e uma demonstração de insatisfação por parte de segmentos da sociedade em relação aos julgamentos feitos às escolas de samba.

A despeito de percebermos momentos de tensão e conflitos entre a LESU e a Comissão Organizadora, acreditamos que a LESU também tenha tido dificuldades para se articular desde sua criação, uma vez que, embora seu objetivo fosse o de agregar todas as escolas de samba e conseqüentemente promover um bom carnaval, divergências internas, e modos de pensar diferentes contribuíram para fragilizar a entidade. Apesar de todas as dificuldades, em 1987, a LESU inaugura a sua sede, como noticia um periódico local:

“A LESU inaugurou recentemente sua sede que hoje funciona com excelentes instalações, objetivando proporcionar a união de todas as escolas e com isso proporcionar aos uberlandenses uma festa alegre e colorida.”¹⁰¹

O terreno fora doado pela Prefeitura Municipal de Uberlândia situado à Rua Monlevade, nº 1213 Bairro Daniel Fonseca, cuja finalidade seria a construção de uma sede única, que reunisse todas as Escolas.

Porém, de acordo com carta enviada pelo Sr. Laércio à secretária de cultura, havia um descontentamento por parte dos diregentes da LESU:¹⁰²

“Recebemos em doação o terreno onde hoje está a LESU, e com trabalhos pessoais apenas de Laercio e Benício¹⁰³, que até mesmo verba pessoal destinaram à confecção dos projetos, aquisição de verba junto às autoridades estaduais com várias idas a Belo Horizonte etc.. sem nenhuma outra participação de presidentes

¹⁰⁰ Carta escrita em 14/02/1992.

¹⁰¹ Jornal Correio de Uberlândia, Ano XLX, nº 14.557, 07/02/1987.

¹⁰² Carta enviada por Laércio Borges Vieira para a secretária Iolanda de Lima em 03/09/1997.

¹⁰³ Benício Gonçalves que era presidente da LESU e da Escola Pavão Dourado.

outros de Escolas de Samba, foi conseguido junto ao Deputado Luís Alberto Rodrigues e Ronan Tito a verba para construção, o que foi feito através da Futel, tendo as escolas prometido inclusive arranjar mão de obra.

(...) Por outro lado, mesmo após a 'Inauguração', nenhuma das escolas de samba, então existentes apresentou ou assinou a proposta de filiação, concordando com nossos estatutos, a não ser comparecem nas reuniões em que trata de verba para o carnaval, sendo que, até no último ano, a Unidos do Chatão, escreveu-nos desobrigando-se de qualquer responsabilidade atinente a LESU, pois tem sua própria sede.

Com todas as dificuldades encontradas, que enumeraremos abaixo, todos os participantes das escolas de samba, tiveram livre acesso à sede da Liga por ocasião das festividades de Momo, e jamais e em tempo algum, qualquer presidente procurou saber como foi o pagamento das despesas, quando deu etc... a não ser levar à V.Excia., uma relação de débitos pessoais do Sr. Benício, o que nada tem a ver com a LESU, tentando deturpar fatos a desmerecer todo o trabalho existente.

Todas as vezes em que encontramos um ou mais presidente de escolas de samba, o assunto LESU vem a baila, sem que nenhum queira saber das despesas, afirmando apenas a possibilidade de arrecadação de verba, mais uma vez demonstrando sua vaidade pessoal e seu interesse particular acima do coletivo.

(...) Foi entregue um prédio com o piso feto, todo solto, com infiltrações de água nos diversos lados, tendo até uma mina que aparece nos dias de chuva impedindo o funcionamento das quadras, existe uma infiltração de água pelo teto, que já deixou marcas e rachaduras irreversíveis, o prédio está localizado em lugar de difícil acesso, sem condução, sem rede de luz na rua e próximo de um matagal, o que torna à noite o local convidativo a um assalto.

Para culminar temos um esgoto que sai a flor da terra junto da entrada da LESU, que dá um mal cheiro insuportável, expulsando os participantes de qualquer atividade.

Esta, Dn^a. Iolanda, é a situação da LESU, onde estamos, eu Laércio, custeando do próprio bolso as despesas para que encontremos uma solução para evitar-se um elefante branco. Ninguém quer assumir responsabilidades, apenas pretendem usufruir e nada-mais.

Sabe perfeitamente V.Excia., que nada estamos dizendo que não seja a realidade, pois quando da apresentação de Dn^a. Ivone Lara, festa inteiramente programada pela Secretaria Municipal de Cultura, também não tivemos público suficiente, tornando a festa um verdadeiro vexame, sendo que naquela oportunidade toda a propaganda foi pela secretaria dirigida por V.Excia., etc.... Qual o resultado?... existe possibilidade de lucro?...."

Podemos perceber pelos trechos da carta e ao contrário do que se noticiava no jornal, que a sede da LESU não tinha “excelentes instalações”, e apesar do objetivo de ser uma sede única na tentativa de unir as agremiações, ela se tornou mais um ponto de discórdia. Em matéria veiculada em 1991 encontramos:

“Presidente da Escola Princesa Izabel, Sr. Eurípedes Barbosa, diz que foi contra a atitude da atual diretoria da LESU – Liga das Escolas de Samba de Uberlândia que, segundo ele, alugou o prédio a clubes de futebol por um período de 5 anos. ‘Com isso, todas as escolas de samba da cidade ficaram prejudicadas com a falta de espaço para seus ensaios’. O aluguel da sede foi feito sem consulta prévia às diretorias de outras escolas da cidade’. Além disso, exceto quatro escolas de samba, cujos dirigentes administram a LESU, nem uma outra recebeu um centavo por estes aluguéis.”¹⁰⁴

De acordo com ele, o prédio da LESU foi doado pela Prefeitura para atender às necessidades de todas as escolas locais. Entretanto, *“quatro delas vêm monopolizando o espaço, alegando que só seus integrantes trabalharam para formar a entidade e que, por isso, têm o direito de usufruir dela como bem quiserem.”¹⁰⁵*

Hoje a sede da LESU é dirigida por Laércio Borges Vieira, presidente da Tabajaras, Benício Gonçalves cuja agremiação – Pavão Dourado – já não desfila e por Otávio Afonso presidente da Garotos do Samba. O espaço foi reformado e continua sendo alugado para jogos de futebol cuja renda é dividida entre seus dirigentes.

Em 20 de outubro de 1992, é criada a Assosamba - Associação das Escolas de Samba de Uberlândia, nova representante das agremiações carnavalescas de Uberlândia, constituída pelos presidentes das mesmas. Ela vem

¹⁰⁴ Jornal Correio de Uberlândia, nº 15.554, p. 3-4 – 26/01/1991.

¹⁰⁵ Idem.

substituir a LESU em suas atribuições, agora de maneira oficial, já que a mesma não era registrada e nem contava com um estatuto.

Em que pese os conflitos aqui registrados entre a LESU e a Comissão Organizadora do Carnaval, os dias de Momo continuaram a acontecer em Uberlândia, só que agora sob a responsabilidade da Assosamba e a avaliação que podemos, fazer nos remete para a interrogação feita no início deste trabalho: até que ponto o Carnaval continua sendo uma festa popular?

... NÃO ME LEVE A MAL HOJE É CARNAVAL

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recentemente foi realizada no bairro Patrimônio uma reunião comemorativa da assim chamada pelos moradores - Velha Guarda. A festa reuniu os antigos componentes da Escola de Samba Tabajaras e teve por objetivo oportunizar aos seus membros não só divertimento e um espaço para trocarem reminiscências, mas também discutirem sobre o início dos preparativos para o desfile do Carnaval de 1999.

Tivemos oportunidade de participar da festa e ouvir os relatos de "casos" que marcaram não só o Carnaval, mas também as vidas das pessoas que dedicaram-se à esta festa. Percebemos que para a grande maioria, o Carnaval serve de "referência" ao rememorarem suas experiências. Nos chamou atenção o carinho e o amor que estas pessoas têm pela sua escola de samba e, de como o período carnavalesco reforça laços de amizade, solidariedade e união.

Sendo assim, cremos que o Carnaval é uma manifestação popular, no sentido de garantir às pessoas um espaço onde estas possam se divertir, trocarem experiências, enfim, de interagirem e atuarem como um grupo organizado.

É evidente que estas práticas passaram por processos de transformação ao longo do tempo e nos parece que a nova geração já não têm esse envolvimento com o Carnaval, e o mesmo não lhe serve de referência marcante. Afinal é uma festa da qual só participam efetivamente nos dias de desfile. O Carnaval é visto apenas como um período onde se pode dançar na rua, fazer "bagunça" enfim....

A participação da administração pública, através da Comissão Organizadora do Carnaval, que se restringia aos funcionários da Secretaria de Cultura, sem a participação efetiva da LESU ou mesmo da Assosamba, ou de

elementos de destaque das diversas agremiações, criou um distanciamento e um certo desinteresse por parte das escolas de samba, uma vez que esta comissão se encarrega de ordenar e colocar a festa na avenida. Nesse sentido, questionamos, para que o envolvimento da comunidade carnavalesca, se existe um órgão público à frente de tudo?

E qual passa a ser o papel destes foliões? Ir até a avenida, desfilar e pronto! A preocupação com a festa existente nos anos iniciais do carnaval de rua, em que a comunidade que desfilava era também a que participava ativamente de todos os preparativos, deixou de existir.

Creemos ser este um dos motivos da perda de entusiasmo e da empolgação inerentes à festa carnavalesca.

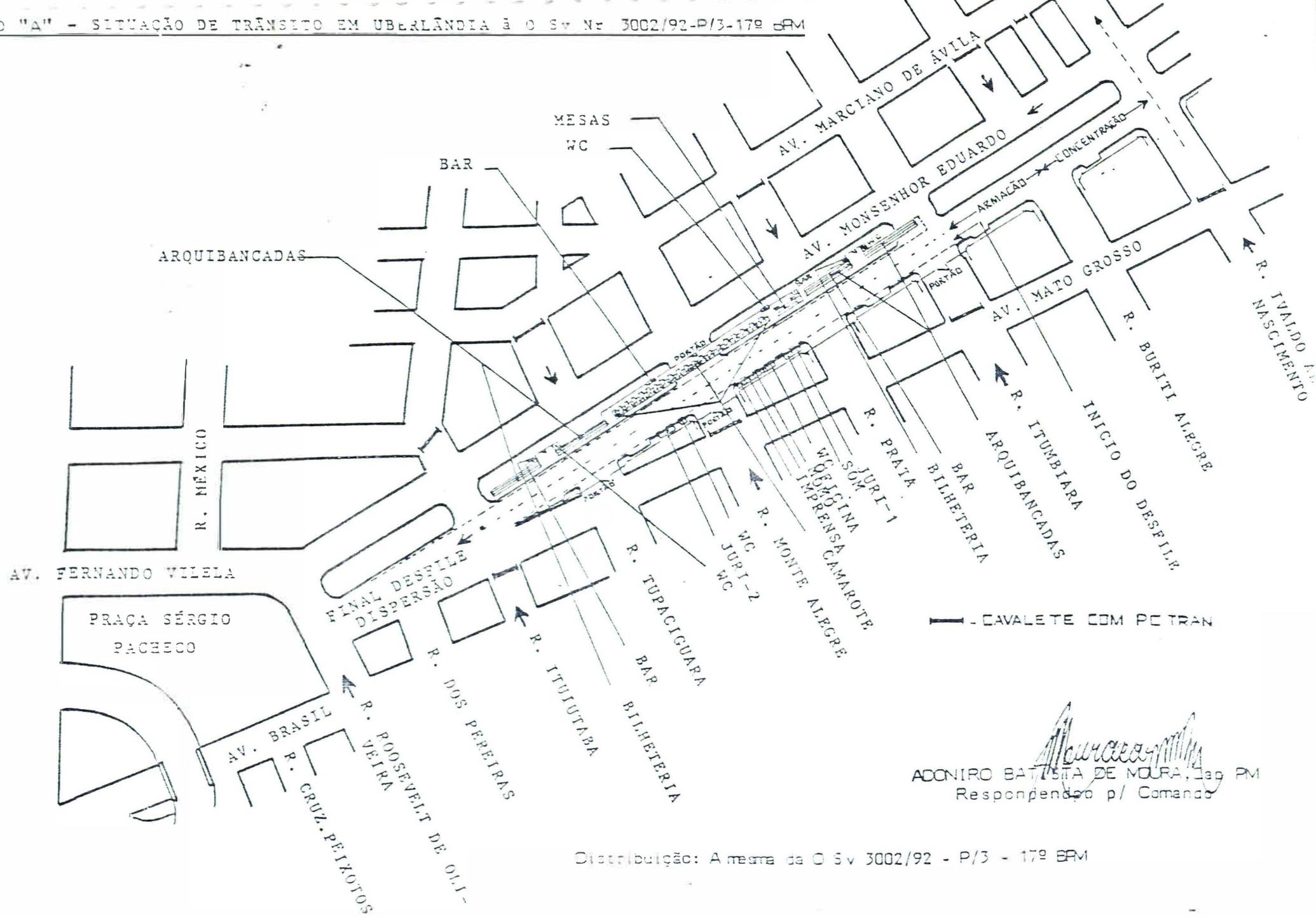
A mudança da Av. Afonso Pena para a Av. João Naves de Ávila não influiu, em nossa opinião, no "esfriamento" do carnaval de rua, uma vez que este local era melhor e de fácil acesso aos foliões. Entretanto, a mudança para a Av. Monsenhor Eduardo e desta para a Av. Belo Horizonte, acreditamos que possa ter tido um aspecto negativo para a festa, devido principalmente às dificuldades de acesso para o público, pois são locais mais distantes do centro da cidade onde a afluência de pessoas através do transporte urbano se torna mais difícil.

Neste ano de 1999, assim como nos dois últimos anos, o Carnaval de rua está sob a responsabilidade da Assosamba. Houve uma perda considerável de verba desde que esta assumiu a frente na realização da festa. Parece-nos que a administração pública pretende reduzir sua participação ao mínimo, deixando à cargo da Assosamba e da comunidade carnavalesca a responsabilidade de resgatar a credibilidade e o brilho dos dias de Momo.

ANEXOS

ANEXO 1

Na Montanha de São Paulo 1992



Adoniro Batista de Moura
 ADONIRO BATISTA DE MOURA, 2º Sgt PM
 Responsável p/ Comando

ANEXO 2



PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA.

TERMO DE COMPROMISSO

● presente Termo de Compromisso, que entre si fazem a Secretaria Municipal de Cultura, a Comissão Municipal de Promoções Carnavalescas e a Liga das Escolas de Samba de Uberlândia, com a fiel concordância das Escolas de Samba participantes, rege e estipula as seguintes condições a que todas se comprometem criteriosamente a acatar:

1º - A verba oficial que será doada pela Prefeitura Municipal de Uberlândia, através da Comissão Municipal de Promoções Carnavalescas, é da ordem de Cz\$385.000,00 (trezentos oitenta e cinco mil cruzados).

2º - A Secretaria Municipal de Cultura em consonância com a Comissão Municipal de Promoções Carnavalescas estipula a realização de 03 (três) desfiles, sendo um no domingo e outro na segunda-feira de carnaval (ambos se realizarão na Av. João Naves de Ávila entre as ruas Joaquim Cordeiro e Segismundo Moraes, obedecendo rigorosamente o horário de início que será às 20h e 30 minutos, com a duração de 45 minutos de apresentação para cada escola participante). O outro desfile será no sábado posterior, dia 07/03/87, e se realizará na Av. Afonso Pena, entre Pças. Oswaldo Cruz e Clarimundo Carneiro, (Desfile da Vitória). Neste dia desfilarão somente as 3 primeiras colocadas.

3º - A ordem de entrada por dia de desfile é a seguinte:

DOMINGO

- | | |
|------------------------------------|--------------|
| 1ª - E. S. Unidos do Chatão | - 20h 30min. |
| 2ª - E. S. Princesa Isabel | - 21h 30min. |
| 3ª - G. R. E. S. Unidos do Luizote | - 22h 30min. |
| 4ª - E. S. Tabajaras | - 23h 30min. |
| 5ª - E. S. Garotos do Samba | - 00h 30min. |


 PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA.

SEGUNDA FEIRA

1ª - E. S. Águia Real	20h 30min.
2ª - E. S. Última Hora	21h 30min.
3ª - E. S. Mocidade Independente	22h 30min.
4ª - E. S. Pavão Dourado	23h 30min.
5ª - G. R. Acadêmicos do Samba	00h 30min.

OBS. Haverá a tolerância de no máximo 15 minutos, tanto no horário de entrada como no tempo de duração do desfile.

4ª - Pelo presente, cada Escola de Samba se compromete a ter o número mínimo de:

Escola de Samba Tabajaras	- 200
G. R. Acadêmicos do Samba	- 200
Escola de Samba Garotos do Samba	- 200
G. R. E. S. Unidos do Luizote	- 200
Escola de Samba Pavão Dourado	- 150
E. S. Mocidade Independente	- 100
E. S. Princesa Isabel	- 100
Escola de S. Última Hora	- 100

participantes, devidamente caracterizados em suas fantasias, de conformidade como o usual do carnaval.

OBS. As escolas de Samba Unidos do Chatão e Águia Real, por não terem direito ao rateio da verba, não tem a obrigação de trazerem um número definido de participantes.

5ª - De acordo com a colocação do desfile deste ano (1.987), serão formados os 1ª e 2ª Grupos para o Carnaval de 1.988, sendo que as 05 primeiras classificadas formarão o 1ª Grupo e as 05 últimas o 2ª Grupo.

6ª - As escolas de comprometem a acatar o regulamento disciplinar do desfile, conforme as normas da Secretaria Municipal de Cultura, Comissão Municipal de Promoções Carnavalescas, como também aceitar, sem contestação e com respeito, a decisão da Comissão Julgadora.


 PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

7º - A verba de Cz\$ 385.000,00 (trezentos e oitenta e cinco mil cruzados), que será destinada às Escolas de Samba em reunião, na qual se fizerem presentes os signatários do presente Termo de Compromisso, devidamente acordada e acatada pelas partes interessadas, terá a divisão que se segue:

* Pagamento de dívida para com a Comissão Municipal de Promoções Carnavalescas (ano de 1986)	Cz\$ 19.000,00
* Escola de Samba Tabajaras	Cz\$ 55.000,00
* Escola de Samba Acadêmicos do Samba	Cz\$ 55.000,00
* Escola de Samba Garotos do Samba	Cz\$ 55.000,00
* G.R.E.S. Unidos do Luizote	Cz\$ 55.000,00
* Escola de Samba Pavão Dourado	Cz\$ 44.000,00
* Escola de Samba Princesa Isabel	Cz\$ 34.000,00
* Escola de Samba Mocidade Independente	Cz\$ 34.000,00
* Escola de Samba Última Hora	Cz\$ 34.000,00

OBS: De acordo com o estatuto da LESU, as Escolas de Samba Unidos do Chatão e Águia Real, por serem novos filiados, não têm direito à divisão da verba.

8º - O recurso acima descrito será repassado para a Liga das Escolas de Samba de Uberlândia (LESU), que o distribuirá entre as escolas de acordo com o parágrafo anterior. As escolas serão obrigadas a fazerem uma completa prestação de contas para a LESU e esta para a Comissão Municipal de Promoções Carnavalescas.

A prestação de contas deverá ser apresentada em per feita igualdade com a verba recebida (nem mais nem menos), sob a pena de devolver o montante a que fez jus no total, ou a par te não documentada, em até 15 (quinze) dias úteis após o car val.


 PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA.

Não sendo necessária a utilização de todo o dinheiro, o saldo será revertido à Prefeitura Municipal de Uberlândia.

9º - O não cumprimento pelas escolas participantes do regulamento, onde se destacam: cumprimento do horário de desfile, número mínimo de participantes, disciplina, vestimentas e prestação de contas, acarretará sanções da Prefeitura Municipal, através da Secretaria Municipal de Cultura e Comissão Municipal de Promoções Carnavalescas. Sendo assim, a Liga das Escolas de Samba se compromete a acatar aquelas que compreendem desde a multa em dinheiro até a suspensão de participação em um ou mais carnavais oficiais em anos vindouros.

Existindo hoje de fato, a Liga das Escolas de Samba, este Termo de Compromisso tem a assinatura de todas as Escolas participantes, através de seus representantes legais e o endosso da Liga das Escolas de Samba de Uberlândia, que assume neste ato, total responsabilidade pelo fiel cumprimento e acatamento do que aqui se ajusta.

Uberlândia, 03 de fevereiro de 1.987

M. Glória
 VIOLÂNDAS DE LIMA FREITAS
 Secretária Municipal de Cultura

Sérgio
 SÉRGIO CHAVES SPINI
 Presidente da Com. Municipal de Promoções Carnavalescas

Benício
 BENÍCIO GONÇALVES
 Presidente da LESU - Liga das Escolas de Samba de Uberlândia

Escola de Samba Tabajaras	<i>[Signature]</i>
Escola de Samba Garotos do Samba	<i>[Signature]</i>
Escola de Samba Acadêmicos do Samba	<i>[Signature]</i>
Escola de Samba Pavão Dourado	<i>[Signature]</i>
Escola de Samba Mocidade Independente	<i>[Signature]</i>
G. R. E. S. Unidos do Luizote	<i>[Signature]</i>
Escola de Samba Princesa Isabel	<i>[Signature]</i>
Escola de Samba Última Hora	<i>[Signature]</i>
Escola de Samba Águia Real	<i>[Signature]</i>
Escola de Samba Unidos do Chatão	<i>[Signature]</i>

ANEXO 3



PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

CRITÉRIOS BÁSICOS PARA JULGAMENTO DOS DESFILES CARNAVALESÇOS

I - INTRODUÇÃO

Para efeito e julgamento, os desfiles devem ser entendidos como uma manifestação de arte popular: MÚSICA, POESIA, DANÇA, INDUMENTÁRIA não cabendo, portanto, qualquer juízo ou julgamento de caráter erudito e acadêmico.

Ressaltando a evolução natural e inevitável que essas artes possam sofrer, é desejo da Comissão Municipal de Promoção Carnavalesca conservar os valores originais dos desfiles de modo a preservar a autenticidade e a tradição de um espetáculo que nasceu do povo, para o povo.

II - QUESITOS EM JULGAMENTO

As Escolas de Samba são julgadas tecnicamente através da análise de 11 (onze) quesitos:

- a - BATERIA
- b - SAMBA ENREDO
- c - EVOLUÇÃO
- d - ENREDO
- e - COMISSÃO DE FRENTE
- f - MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA
- g - ALEGORIAS E ADEREÇOS
- h - ALA DAS BAIANAS
- i - HARMONIA
- j - CONJUNTO
- l - FANTASIA

Esses quesitos e critérios de julgamento só poderão sofrer alterações em Seminários organizados oficialmente pela



PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

Comissão Municipal de Promoção Carnavalesca. Caso não sejam organizados Seminários para a discussão dos quesitos e critérios de julgamento, serão mantidos os 11 (one) quesitos existentes.

CRITÉRIOS DE JULGAMENTO DE QUESITOS

A) BATERIA

A Bateria sustenta com sua marcação a cadência indispensável ao desenvolvimento do samba, do canto e da evolução.

Cabe lembrar que cada Bateria possui identidade própria e liberdade quanto ao ritmo e a distribuição dos instrumentos, possibilitando desenhos rítmicos, também próprios, que a caracterizam, imprimindo-lhe a sua marca, as suas cores, e a comunidade que representa.

Vale observar que o julgador não se deve deixar levar pelo nome ou fama da Escola, e sim, pela apresentação da Bateria em julgamento, não devendo, também, levar em conta a quantidade de seus componentes, e sim a qualidade da apresentação.

CONCEITOS

1. ANDAMENTO - É a cadência dada pelo ritmo que deverá apresentar marcação firme e precisa, podendo ser variada e diversificada através de breques e paradas.
2. HARMONIA - É a perfeita conjugação dos sons emitidos pelos vários instrumentos de percussão.

B) SAMBA ENREDO



PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

O Samba Enredo é a ilustração poético-melódica do Enredo e só poderá ser convenientemente avaliado durante o desfile. Sua letra se refere ao Enredo apresentado pela Escola, devendo, portanto, haver compatibilidade entre o tema e a letra do samba.

O Samba Enredo possui estilo característico e versar próprio e, na mesma medida em que não deverá ser julgado como peça erudita mas como expressão de linguagem popular, não lhes devem ser exigidos esquemas fixos de métrica e rima.

Assim, na letra do Samba Enredo deverão ser observadas a criatividade e a perfeita adaptação à melodia, não devendo o julgador levar em conta possíveis transgressões à gramática normativa, e sim estar atento às soluções encontradas pelos compositores para o desenvolvimento do tema do Enredo.

O Samba Enredo poderá ainda ser descritivo e/ou interpretativo. Samba Enredo Descritivo é aquele que relata minuciosamente o enredo. Samba Enredo Interpretativo é aquele que conta o Enredo sem fixar-se em detalhes, mas contendo, implicitamente, a idéia e o espírito dos principais itens do Enredo. Quer seja descritivo ou interpretativo, não podendo deixar de ater-se ao tema a ser desenvolvido.

O Samba Enredo deverá possuir a necessária harmonia musical que propicie o canto e a evolução sem esforço dos componentes, facilitando, ainda, manutenção da cadência da Bateria.

A melodia deverá possuir tonalidade adequada para as vozes femininas e masculinas e, conseqüentemente, afinação, cujo efeito terá de sobressair-se na massa desfilante. Deverá possuir harmonia e as necessárias pausas para permitir um desfile sem cansar os componentes. A melodia ainda deverá ser avaliada em sua criatividade e originalidade, sendo que o plágio não será tolerado.



PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

Na letra do Samba observar-se-ão a objetividade, a clareza, a precisão, a criatividade e um encadeamento lógico.

NOTA: O julgador não deverá levar em conta, em sua avaliação, o ^{FOU}compotamento do público assistente em relação ao Samba Enredo.

C) EVOLUÇÃO

Aqui reside o ponto alto do conjunto, seus movimentos de dança.

Devem ser observados, em sua avaliação, o vigor, a empolgação, a vibração, a agilidade, a precisão, a espontaneidade, a elegância e a criatividade dos Passistas e das Alas que, em movimentos progressivos e contínuos, produzirão a beleza do conjunto do desfile, garantindo sua unidade.

As alas e toda a Escola devem observar a cadência de sua Evolução, que é a regularidade de seus movimentos, sempre progressivos, conferindo unidade ao conjunto da apresentação da Escola. Uma evolução não comporta claros na pista.

CONCEITOS

- 1 - VIGOR - Continuidade e manutenção dos movimentos dos desfilantes.
- 2 - EMPOLGAÇÃO - Alegria espontânea dos sambistas.
- 3 - VIBRAÇÃO - É o entusiasmo durante o desfile.
- 4 - AGILIDADE - Destreza dos movimentos da evolução (dança).
- 5 - PRECISÃO - Sintonia e adequação coreográficas.
- 6 - ESPONTANEIDADE - É a entrega do sambista à dança.
- 7 - ELEGÂNCIA - É a beleza da dança.
- 8 - CRIATIVIDADE - É a inventiva dos passos.



PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

D) ENREDO

Enredo é o motivo, o tema central de um desfile, de acordo com a sinopse apresentada. Uma Escola de Samba desenvolve e transmite o seu enredo através de seus elementos dramáticos, musicais e plástico-visuais; samba, alas e destaques, suas fantasias, alegorias e adereços e, excepcionalmente, a evolução e os gestos de alguns componentes.

CONCEITOS

1. CONCEPÇÃO DO ENREDO

É a etapa de execução interna à escola, a partir de um tema idealizado, sua discussão, seu estudo e pesquisa, a elaboração do argumento e do roteiro.

Sugere-se apreciar a CONCEPÇÃO DO ENREDO segundo os aspectos a seguir discriminados:

1.1. Tema e Originalidade - A qualidade de ser criativo, inventivo e imaginoso, permitindo à Escola uma tradução própria através de seus elementos constituintes.

OBS.: Não cabe ao Jurado qualquer apreciação sobre os aspectos de ineditismo do tema nem sobre sua nacionalidade.

1.2. Argumento - O desenvolvimento do tema, destacando, no texto, os fatos ou situações que deverão constituir a base para o roteiro. Um argumen-



PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

to bem preparado pode permitir uma antevista do desfile e deve facilitar a análise do roteiro.

1.3. Roteiro - O desenvolvimento seqüencial do tema, a partir do argumento, fazendo uso dos elementos constituintes da Escola: alas, detalhes, suas fantasias, alegorias e adereços. O Roteiro traduz o enredo em linguagem própria da Escola de Samba e é referência importante para a avaliação do desempenho da Escola durante o desfile.

2. REALIZAÇÃO DO ENREDO

É a etapa de execução externa a partir do enredo concebido, do desenvolvimento do argumento de seu roteiro e a sua realização propriamente dita durante o desfile.

Sugere-se apreciar a REALIZAÇÃO DO ENREDO segundo os aspectos a seguir discriminados:

- 2.1. Respeito ao Tema - É a obediência ao argumento, respeitando-se a relação obrigatória que deve existir entre o que se apresenta no desfile e o tema que a Escola se propôs a desenvolver.
- 2.2. Respeito ao Roteiro - É a obediência ao roteiro apresentado, devendo-se repeter a seqüência proposta.
- 2.3. Aproveitamento - É a capacidade de exploração e enriquecimento do tema e sua valorização durante o desfile.
- 2.4. Clareza - É a qualidade de boa e fácil compreensão do enredo, a possibilidade de assimilação do tema,



PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

inclusive pelo público, o que constitui aspecto dos mais importantes a ser avaliado.

2.5. Apresentação - É a realização do enredo no desfile, a qualidade global da apresentação do enredo pela Escola, comparada à proposta básica. Equivale, por extensão, ao conjunto dos aspectos integrantes da REALIZAÇÃO DO ENREDO.

OBS.: A eventual existência de falhas isoladas na realização de um Enredo pode, também, ser perfeitamente compensada pelo bom desempenho da Escola em outros itens em análise.

E) COMISSÃO DE FRENTE

A Comissão de Frente é um dos elementos tradicionais da Escola de Samba. Saúda os assistentes em nome da Diretoria, dos componentes, e pede passagem para a Agremiação. Ela poderá vir tradicional ou fantasiada. Considera-se tradicional quando se apresenta usando terno, uniforme, fraque, casaca, summer ou smoking. Quando fantasiada, deverá ser adequada ao enredo.

CONCEITOS

1. ATITUDE - Forma gentil, elegante, coordenada e comunicativa com que seus integrantes cumprimentam o público.
2. INDUMENTÁRIA - A beleza, o efeito, o apuro da confecção, o acabamento dos trajes do conjunto e a adequação ao enredo quando for o caso.

→ A ^{ação}Comissão de Frente poderá vir à frente da Escola ou imediatamente atrás do Abre-Alas. O Abre-Alas poderá ser com-



PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

plementado por adereços ou por um grupo de sambistas fantasiados, desenvolvendo uma coreografia.

F) MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA

O Mestre-Sala e a Porta-Bandeira têm a honra de conduzir a Bandeira, o símbolo maior da Agremiação. A função do Mestre-Sala é cortejar a Porta-Bandeira durante toda a apresentação, através de gestos e posturas elegantes que demonstrem reverência a sua dama, respeitando e protegendo o pavilhão.

O par apresenta uma dança com passos e características básicas próprias, que vem sendo enriquecida em seus meios e medidas, através do tempo.

CONCEITOS

1. CARACTERÍSTICAS DA DANÇA

O Mestre-Sala e a Porta-Bandeira não sambam, mas desenvolvem um bailado no ritmo do samba, quando o par, mantendo as tradições, desenvolvem a sua criatividade.

O malabarismo e a acrobacia nada têm a ver com essa dança e não devem ser confundidos com a imensa variedade de passos; giros, meias-voltas, torneados e medidas executados pelo par.

2. HARMONIA DO PAR

Com graça e leveza, o Mestre-Sala e a Porta-Bandeira devem apresentar uma coordenação de movimentos que permitam a sua apresentação em conjunto.

3. POSTURA E INDUMENTÁRIA

3.1. Postura - Durante a exibição, o par deverá mostrar uma dignidade compatível com a dança e majestade



PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

adaptada a sua função.

3.2. INDUMENTÁRIA - Com entrosamento, formalidade, capricho e efeito, dentro do modelo tradicional, as fantasias poderão ou não estar ligadas formalmente ao tema e ao enredo.

Constitui deslize, durante a exibição, que um ou outro (Mestre-Sala ou Porta-Bandeira) perca parte de sua indumentária, como o chapéu do Mestre-Sala, um dos sapatos da Porta-Bandeira ou fato semelhante.

G) ALEGORIAS E ADEREÇOS

As Alegorias e Adereços são elementos plásticos ilustrativos do Enredo. São recursos que devem contribuir para um melhor esclarecimento e "leitura" do tema, assim como as fantasias, com as quais devem estar integradas.

As formas das alegorias e adereços devem necessariamente possuir um significado para o público o conteúdo do enredo, valorizados e respeitados os estilos de interpretação e expressão dos responsáveis por sua criação.

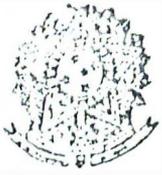
Imaginados por artistas plásticos populares e/ou eruditos, são uma rica demonstração da inventividade, capacidade de recriação, improvisação e um dos melhores momentos de demonstração da qualidade da artesanaria do brasileiro. Devem ser observadas, ainda, a devida utilização e adequação dos materiais na interpretação dos tipos e partes do Enredo.

CONCEITOS

1. A CONCEPÇÃO E A IDENTIDADE

1.1. Concepção - É a criação plástica, transmitindo o conteúdo do Enredo.

1.2. Identidade - Identificação com o Enredo e a adequação das alegorias e adereços à temática proposta.



PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

2. A ORIGINALIDADE E O EFEITO

2.1. Originalidade - É a maneira própria de utilizar, recriar e/ou estilizar formas nas alegorias e adereços.

2.2. Efeito - Adequação e impressão causadas pelas formas e materiais utilizados.

3. ACABAMENTO - As alegorias e Adereços devem apresentar um acabamento cuidadoso.

H) ALA DAS BAIANAS

Considera a ala mais tradicional da Escola de Samba.

Deve-se observar a beleza da fantasia, o movimento coreográfico, a vibração, a simpatia e o canto (todas devem cantar).

As baianas podem vir vestidas com as cores da Escola ou de acordo com o enredo.



PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

I) HARMONIA

Harmonia em desfile de Escola de Samba é o entrosamento entre o ritmo (Bateria), a melodia (canto) e a dança, observando-se a distribuição dos componentes da Agremiação.

Considera-se deslize grave no que concerne à Harmonia o fenômeno chamado de atravessamento do samba, que pode manifestar-se em dois tipos de divergências ocorridas isoladas ou simultaneamente, a saber:

- 1 - Divergência no canto (melodia) - Ocorre quando uma parcela dos componentes canta uma parte da letra, enquanto outra parcela concomitantemente canta outra parte da mesma letra, entoando outros versos.
- 2 - Divergência entre o ritmo e a melodia - Ocorre quando o ritmo imprimido à Escola pela Bateria não é mantido e/ou acompanhado pelo andamento da dança e pelo canto da melodia do samba.

Caberá, portanto, ao Julgador, avaliar a harmonia do canto, do samba, e do ritmo e, cuidadosamente, a manutenção da tonalidade, a continuidade e a inalterabilidade do canto.

CONCEITOS

- 1 - HARMONIA DO CANTO - É a constatação da perfeita igualdade do canto, da letra e melodia do samba, pela totalidade dos componentes da Escola.
- 2 - HARMONIA DO SAMBA - É o entrosamento da melodia do samba com o ritmo.
- 3 - HARMONIA DO RITMO - É a manutenção, a permanência do andamento da dança dos componentes com o ritmo, sem haver alteração desse andamento.



PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

J) CONJUNTO

O conjunto é a visão geral do Desfile da Escola de Samba.

O julgador deverá avaliar a Unidade e a Sequência do desfile, bem como constatar as presenças das alas de BAIANAS e CRIANÇAS, sem se preocupar com uma análise detida e minuciosa dos quesitos, que já estão recebendo notas pelos julgadores específicos.

A Escola deverá se apresentar coesa, mantendo um espaçamento, o mais uniforme possível entre os seus componentes, alas e alegorias, evitando a ocorrência de qualquer tipo de quebra do conjunto bem como a abertura de buracos respeitando o estilo de evolução da Agremiação.

CONCEITOS

1. UNIDADE - É a Escola de Samba no todo, sua integração. A uniformidade, o encadeamento de todos os elementos dramáticos musicais e coreográficos no desenvolvimento do tema central.
- 2.. SEQUENCIA - É a ordem dos elementos dramáticos no canto da Escola, no visual, na evolução, na criatividade e no desenvolvimento do tema. A apresentação dos quesitos em desfile como parte integrante do conjunto, em especial as alas das BAIANAS e CRIANÇAS.

L) FANTASIA

As fantasias devem retratar a época, se o enredo girar em torno de acontecimentos históricos, ou os elementos



PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

tradicionais, folclóricos, regionais etc., de acordo com o tema.

O critério mais importante a ser observado neste quesito para o julgamento é o seu perfeito entrosamento ao tema e ao enredo propostos pela Escola.

Não importa o material a ser usado (tecido ou outros) e sim a criatividade, a originalidade e a graça. As fantasias devem facilitar os movimentos exigidos pelo samba, em soluções figurativas ou simbólicas, realistas ou estilizadas, de acordo com a diversificação de criação dos artistas.

As fantasias da Comissão de Frente, Mestre-Sala e Porta-Bandeira, Bateria, Baianas e Crianças poderão estar vinculadas ao enredo, ou se apresentarem de forma tradicional.

CONCEITOS

1. CONCEPÇÃO E PROPRIEDADE

1.1. Concepção - Criação artística baseada no enredo.

1.2. Propriedade - Adequação das fantasias e dos materiais usados à temática e significados do enredo e aos passos do samba.

2. EFEITO E TONALIDADE

2.1. EFEITO - A impressão causada pela utilização e distribuição dos materiais, de cada Ala, usados nas fantasias, sobretudo em seu conjunto.

2.2. TONALIDADE - Entrosamento, utilização e exploração das cores.

3. ORIGINALIDADE - VARIEDADE E ACABAMENTO

3.1. ORIGINALIDADE - Maneira própria de criar ou utilizar



PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

as fantasias.

3.2. VARIEDADE - Diversidade das fantasias na exploração das potencialidades do enredo.

3.3. ACABAMENTO - Cuidado na confecção e uniformidade das fantasias de cada conjunto.

ANEXO 4



SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA
16a. DELEGACIA REGIONAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

Resolução nº 5.539, de 14 de janeiro de 1.986.

Estabelece normas para atuação dos órgãos do Sistema Operacional de Segurança Pública durante as atividades carnavalescas, e dá outras providências.

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA DE MINAS GERAIS, usando de suas atribuições, e CONSIDERANDO que é de competência desta Secretaria assegurar à população tranquilidade e ordem durante os festejos carnavalescos;

CONSIDERANDO que há necessidade de se fixar as competências com relação à ordem pública e o licenciamento das diversões;

R E S O L V E:

Art. 1º - Os prêmios, ranchos, cordões, escolas de samba, blocos caricatos, carros alegóricos e outros grupamentos carnavalescos só poderão sair à rua quando os seus responsáveis ou dirigentes estiverem munidos do respectivo alvará de licenciamento.

§1º - A posse do documento acima aludido facultará as evoluções pelas ruas da cidade, observadas as restrições impostas em benefício do trânsito e da segurança pública.

§2º - Os grupamentos citados no "caput" deste artigo não poderão, entretanto, transitar pelos passeios públicos, nem penetrar em cafés, bares, restaurantes, "boîtes", "cabarês" e outros estabelecimentos comerciais em funcionamento.

Art. 2º - Os clubes e associações, para programarem bailes carnavalescos, deverão obter o Alvará de licenciamento.



SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA

16a. DELEGACIA REGIONAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

Art. 49 - Exceto na última noite, os bailes carnavalescos deverão encerrar-se até às 04:00 horas no máximo, podendo, entretanto, o Delegado de Polícia prorrogar o término, caso assim o permitam as condições de segurança.

Parágrafo único - Nos clubes que realizam um único baile, em qualquer dos dias de Carnaval, não haverá horário prefixado para o encerramento.

Art. 50 - Toda Associação ou Clube que promover festejos carnavalescos deverá, sob pena de suspensão ou cassação do Alvará, manter permanente serviço de fiscalização próprio, na entrada e no interior do recinto, com vistas ao cumprimento das normas constantes desta Resolução.

Art. 60 - É vedado:

I - uso de fantasias que ultrapassem qualquer profissão, que imitem indumentárias religiosas ou contenham peças de uniformes das classes armadas;

II - uso em recinto fechado e em vias públicas de indumentárias que atentem contra moral;

III - utilização de veículos de tração animal;

IV - uso de máscaras que dificultem a imediata identificação de seus portadores;

V - uso de lança-perfumes ou símilares;

VI - entrada ou permanência em "boites", clubes e demais casas de diversões, de pessoas em estado de embriaguez, e das que tiverem conduta suspeita ou inconveniente;

VII - excesso de lotação nas casas onde se realizarem festejos carnavalescos;

VIII - uso, em veículos, de bebidas alcoólicas de qualquer natureza, por parte dos seus condu-



SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA
16a. DELEGACIA REGIONAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

tores ou passageiros;

IX - serviço de bebidas alcoólicas durante as vesperais infantis;

X - uso de pós, líquidos não vo-
lúteis ou substâncias capazes de irritarem ou molestarem
outrem, ficando seus recipientes, tais como bisnagas, se-
ringas ou similares, sujeitos à apreensão, e o infrator a
processo, por infração ao disposto do artigo 65 da lei
das contravenções penais;

XI - uso de aparas, confetes e
qualquer ornamentação interna confeccionada de "isopor"
por constituir-se inflamável de alta periculosidade;

Art. 7º - As Autoridades e Agentes
Policiais de todo Estado deverão:

I - exercer rigorosa fiscaliza-
ção e vigilância, observadas as disposições em vigor no
que diz respeito ao porte clandestino de armas, munições
e materiais explosivos;

II - restringir, a seu critério,
o consumo de bebidas alcoólicas de elevado teor nos hotéis
"dancings", hotéis, bares, cafés e "boîtes";

III - dar todo apoio aos represen-
tantes do Juizado de Menores, aos Agentes Federais, Esta-
duais e Municipais a serviço de suas respectivas reparti-
ções, e os Agentes credenciados da SUNAB em matéria de
sua competência, observados os preceitos da legislação
pertinente de cada órgão.

Art. 8º - Revogam-se as disposições
em contrário, entretanto esta Resolução entra em vigor na
data de sua publicação.

Registre-se, publique-se e cumpra-se.
Belo Horizonte, 14 de janeiro de

1.986.

CHRISPIM JACQUES BIAS FORTES
Secretário de Segurança Pública

Mod. S.S.P. 1



SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA
16a. DELEGACIA REGIONAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

Art. 3º - Os órgãos competentes para a concessão das licenças previstas nos artigos 1º e 2º são as Prefeituras Municipais.

§ 1º - As perícias necessárias à expedição das licenças serão feitas pelas Prefeituras através de técnicos por elas designados, e as taxas decorrentes são devidas exclusivamente às municipalidades.

§ 2º - Caso a Prefeitura não queira ou não possa exercer as atividades previstas no parágrafo anterior, poderá delegar a atribuição para fazê-lo ao Delegado de Polícia, caso em que as taxas serão devidas ao Estado e recolhidas em estabelecimento bancário através de "GUA".

§ 3º - A competência da Prefeitura Municipal para expedir os Alvarás não exclui nem restringe o poder da Autoridade Policial e seus Agentes de exercerem a necessária fiscalização inclusive no interior dos clubes, visando fazer valer as proibições inseridas nesta Resolução.

§ 4º - Em Belo Horizonte, o documento de licença expedido pela Prefeitura Municipal deverá ser registrado na Secretaria de Estado da Segurança Pública, na Coordenação Geral de Segurança (COSEG), pelo menos até 5 (cinco) dias úteis anteriores ao início das festividades, para possibilitar o planejamento capaz de assegurar a ordem e a liberdade dos foliões.

§ 5º - O prazo para o registro do Alvará, nos órgãos desta Secretaria, se expira no dia 3 de fevereiro vindouro.

§ 6º - No interior, o registro será feito na Delegacia de Polícia, em prazo a ser fixado pelo Titular da Unidade Policial.

§ 7º - No caso de realização de bailes públicos, promovidos pela municipalidade, a comunicação deve ser feita no prazo fixado pelo Delegado de Polícia, que providenciará a requisição do policiamento ostensivo, se for o caso.

FONTES

- **Arquivo Público Municipal de Uberlândia**

- **Jornais:**

O Progresso (1907-1914)

A Tribuna (1919-1942)

O Repórter (1935-1951)

Correio de Uberlândia (1952-1997)

- **Documentação da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia**

Projetos

Termos de Compromisso

Históricos das Escolas de Samba / Estatutos

Regulamentos

Correspondências diversas

- **Relação de Pessoas Entrevistadas**

Castorina M. de Jesus de Oliveira	-	26/05/97
João Rodrigues (Bolinho)	-	14/08/97
Maria Helena Oliveira (D. Lenica)	-	08/07/97
Maria Margarida da Silva (D. Fiinha)	-	23/07/97
Edvaldo Batista de Oliveira	-	15/05/97
Alberto - (Parceirão)	-	10/08/97

RELAÇÃO DE BLOCOS E ESCOLAS DE SAMBA DE UBERLÂNDIA

1 - BLOCO ACHÉ

Presidente: Maria das Graças
Rua: João Caetano de Rezende, 324
CEP: 38402-000 / Uberlândia - MG
Tel.: 216-1979

2 - BLOCO OS MAIS VIVIDOS DO SESC

Presidente: Darcy Cerveira Gomes Silva
Rua: Benjamin Constant, 844
CEP: 38406-039 / Uberlândia - MG
Tel.: 232-1622

3 - BLOCO UNIDOS DO SÃO GABRIEL

Presidente: Felix do Rosário Santos
Rua: Serra do Espinhão, 749
CEP: 38400-000 / Uberlândia - MG
Tel.: 239-1151

4 - BLOCO VERDE QUE TE QUERO VERDE

Presidente: Maria Aparecida Martins
Rua: Cecília Jorge, 258
CEP: 38406-196 / Uberlândia - MG
Tel.: 236-4504

5 - ESCOLA DE SAMBA ACADÊMICOS DO SAMBA

Presidente: Mário Antônio da Silva

Rua: Felicidade de Moraes, 2320
CEP: 38406-249 / Uberlândia - MG
Tel.: 232-6679

6 - ESCOLA DE SAMBA BEIJA-FLOR E SABIÁ

Presidente: Luiz Carlos Silva
Rua: Nicarágua, 185
CEP: 38406-163 / Uberlândia - MG

7 - ESCOLA DE SAMBA GAROTOS DO SAMBA

Presidente: Otávio Afonso
Rua: Alfredo Júlio, 452
CEP: 38401-106 / Uberlândia - MG

8 - ESCOLA DE SAMBA TABAJARAS

Presidente: Laércio Borges Vieira
Rua: Olavo Bilac, 165
CEP: 38401-047 / Ubelândia - MG

9 - ESCOLA DE SAMBA ÚLTIMA HORA

Presidente: Antônio Bernardes
Rua: 00002-106
CEP: 38400-000 / Uberlândia - MG

10 - ESCOLA DE SAMBA UNIÃO DAS RAÇAS

Presidente: Romilda Cândida Ferreira
Rua: Matheus Vaz, 880
CEP: 38408-176 / Uberlândia - MG - Tel.: 238-9259

11 - ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DO CHATÃO

Presidente: Olimpio Silva Pai Negro

Rua: Buriti Alegre, 1150

CEP: 38406-013 / Uberlândia - MG

12 - ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DO LUIZOTE

Presidente: Valdivino Rita da Silva

Rua: Dr. Manuel Tannus, 324

CEP: 38408-203 / Uberlândia - MG

BIBLIOGRAFIA

- ALEM, João Marcos. "Representações Coletivas e História Política em Uberlândia". In: *Revista História & Perspectivas*. Uberlândia: UFU, 1991, nº 4.
- ALENCAR, Edigar de. *1901 - O Carnaval carioca através da música*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- ARAÚJO, Emanuel. *A Mão Afro-brasileira*. São Paulo: Tenenge, 1989.
- AUGUSTO, Sérgio. *Este mundo é um pandeiro: a chanchada de Getúlio a J.K.* São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda Negra, Medo Branco*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- BERND, Zila. *O Que é Negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CAMPOLINA, Alda Maria Palhares. *Escravidão em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 1988.
- CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. *Agricultura, escravidão e capitalismo*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1982.
- CHALHOUB, Sidney. *Visões de Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Negros, Estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DUBBY, Douglas Cole. *Transformação e Trabalho em uma Economia Escravista: Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DUPI, João. *Moçambique, Moçambiques*. Santa Maria: UFSM, 1988.

EFEGÉ, Jota. *Amero Reseda: o rancho que foi escola*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1965.

ETZEL, Eduardo. *Escravidão Negra e Branca: o passado através do presente*. São Paulo: Global, 1976.

FERNANDES, Florestan. *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*. 3ª ed., São Paulo: Ática, 1978.

FREITAS, Décio. *Escravos e Senhores de Escravos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

_____. *O Escravismo Brasileiro*. 3ª ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 17ª ed., Rio de Janeiro: José Olímpio, 1975.

GIACOMINI, Sônia Maria. *Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

GORENDER, Jacob. *1923 - A Escravidão Reabilitada*. 2ª ed., São Paulo: Ática, 1991.

GUIMARÃES, Eduardo N. "A Transformação Econômica do Sertão da Farinha Podre: o Triângulo Mineiro na Divisão Inter-regional do trabalho". In: *Revista História & Perspectivas*. Uberlândia: UFU, 1991, nº 4.

HASENBALG, Carlos Alfredo. *Discriminação e Desigualdade Raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

IANNI, Octavio. *As Metamorfoses do Escravo*. 2ª ed., São Paulo: HICITEC, 1988.

LAMOUNIER, Maria Lúcia. *Da Escravidão ao Trabalho Livre: a lei da locação de serviços de 1879*. Campinas: Papirus, 1988.

LARA, Silvia Hunold. *Campos da Violência: escravos e senhores na Capitania do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LIMA, Solange Martins Couceiro de. *Mulher e Famílias Negras*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1984. (Tese de doutorado)

LOURENÇO, Luis Augusto B. *Bairro do Patrimônio: Salgadores e Moçambiqueiros*. Uberlândia: Secretaria Municipal de Cultura, 1986.

LUNA, Francisco Vidal & Costa. *Minas Colonial: economia e sociedade*. São Paulo: Pioneira, 1982.

MACHADO, Maria Clara T. "Muito Aquém do Paraíso: ordem, progresso e disciplina em Uberlândia". In: *Revista História & Perspectiva*. Uberlândia: UFU, 1991, Nº 4.

_____. "Cultura Popular, no interior das Gerais". In: *Anais do XIX Simpósio Nacional de História da ANPUH*, Belo Horizonte: Julho, 1997.

MALHEIRO, Perdigão. *1824-1881 - A Escravidão no Brasil: ensaio histórico, jurídico, social*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

- MARSON, Adalberto. "Reflexões sobre o Procedimento Histórico". In: SILVA, M. A. (org.) *Repensando a História*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.
- MATTA, Roberto da. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- MENDES, Miriam Garcia. *A Personagem Negra do Teatro Brasileiro (entre 1838 e 1888)*. São Paulo: Ática, 1982.
- MOREIRA, Carlos César. *A Discriminação Racial do Negro em Uberlândia*. Uberlândia: UFU, COCHI, 1990. (Monografia)
- MOTT, Luiz R. B. *O Sexo Proibido: virgens, gays e escravos nas garras da inquisição*. Campinas: Papyrus, 1988.
- MOURA, Clóvis. *História do Negro Brasileiro*. São Paulo: Ática, 1989.
- NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1977.
- NOVAIS, Fernando A. *A Estrutura e Dinâmica do Anjo Sistema Colonial: século XVI-XVIII*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- OLIVEIRA, Eduardo P. *Rompendo as Barreiras do Poder na Câmara Municipal de Uberlândia (1983-1992)*. Uberlândia: DEHIS/UFU, 1998. (Monografia de bacharelado)
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Trabalho Escravo, Economia e Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- POMPERMAYER, Malori José. *Movimentos Sociais em Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG, 1987.

- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- RAMOS, Arthur. *O Negro na Civiização Brasileira*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1956.
- REIS, João José. *Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- RODRIGUES, Jane de F. Silva. *História Regional e Local: problemas teóricos e práticos*. Trabalho apresentado III Taller Internacional de Historia Regional y Local, La Habana - Cuba, 1998.
- SAMUEL. R. "História Local e História Oral." In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Marco Zero/ANPUH, set./89 - fev./90, v.9.
- SCHWARCZ, Lilia Mortz. *Retrato em Branco e Negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SEBE, José Carlos. *1943 - Carnaval, Carnavais*. São Paulo: Ática, 1986.
- SILVA, José Carlos G. *Os Sub Urbanos e a Outra Face da Cidade: negros em São Paulo, 1990-1930*. Campinas: UNICAMP, 1990. (Dissertação de mestrado)
- SILVA, Marilene Roda Nogueira da. *Negro na Rua*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SOUZA, Neuza Santos. *Tornar-se Negro*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- TEIXEIRA, Tito. *Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central*. Uberlândia: Gráfica Uberlândia, 1970, v.1.

THOMPSON, E. *A Voz do Passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VAINFAS, Ronaldo. *Ideologia & Escravidão: os letrados e a sociedade escravista no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

VALENTE, Ana Lúcia E. F. *Ser Negro no Brasil Hoje*. 10ª ed., São Paulo: Moderna, 1993.

VON SIMSON, Olga R. de Moraes. "Mulher e Carnaval: mito e realidade". In: *Revista de História*. São Paulo: USP, Departamento de História, ago.-dez./91, nº 125/126.

_____. "O Carnaval e o Desenvolvimento Urbano de Guaratinguetá na Segundo Metade do Século Dezenove". In: *Cadernos CERU*. São Paulo: USP, 1978, nº 11.

_____. "Transformações Culturais, Criatividade e Comunicação de Massa: o carnaval brasileiro ao longo do tempo". In: *Cadernos CERU*. São Paulo: USP, 1981, nº 14.